

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS
CÂMPUS DE JABOTICABAL**

**BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO – GRAU
DE PROCESSAMENTO DE PRODUTOS DAS CADEIAS AGRÍCOLAS**

THAÍS SILVÉRIO MENDONÇA

JABOTICABAL– SP
IIºSemestre/2021

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS
CÂMPUS DE JABOTICABAL**

**BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO – GRAU DE
PROCESSAMENTO DE PRODUTOS DAS CADEIAS AGRÍCOLAS**

THAÍS SILVÉRIO MENDONÇA

Orientador: Prof. Dr. José Giacomo Baccarin

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias –
Unesp, Câmpus de Jaboticabal, como parte das
exigências para graduação em Zootecnia.

JABOTICABAL– SP
2ºSemestre/2021

FICHA CATALOGRÁFICA

M539b	Mendonça, Thais Silvério Balança comercial do agronegócio brasileiro : grau de processamento de produtos das cadeias agrícolas / Thais Silvério Mendonça. -- Jaboticabal, 2021 58 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Zootecnia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Jaboticabal Orientador: José Giacomo Baccarin 1. Agronegócio. 2. Comércio internacional. 3. Exportação. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Jaboticabal. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

DEPARTAMENTO: Economia, Administração e Educação

CERTIFICADO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TÍTULO: “Balança Comercial do Agronegócio Brasileiro - Grau de Processamento de Produtos das Cadeias Agrícolas”

ACADÊMICA: Thais Silvério Mendonça

CURSO: Zootecnia

ORIENTADOR: Prof. Dr. José Giacomo Baccarin

PERÍODO : Semestre Ano

Aprovada com conceito: A ☒ B ☐ C ☐

Este trabalho é recomendado para compor a base de dados CAPELO. ☐ Sim ☒ Não

Reprovado: ☐**BANCA EXAMINADORA:**

Presidente	Prof. Dr. José Giacomo Baccarin
Membro	Prof. Dr. Alan Rodrigo Panosso
Membro	Dr. Jonatan Alexandre de Oliveira



Jaboticabal 17 / 08 / 2021

Aprovado em reunião do Conselho do Departamento em: 26 / 08 / 2021

Profa. Dra. Andréia Marize Rodrigues
Chefe do Departamento de Economia,
Administração e Educação

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Antônio Gonçalves Mendonça e Albertina Silvério da Silva Mendonça, e ao meu irmão Thiago Silvério Mendonça, pelo apoio, pela base e pelo amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Albertina e Antônio, e ao meu irmão, Thiago, responsáveis pela minha educação e empenho ao me guiar pelo caminho que julgavam como ideal, assim me possibilitando a ser a pessoa que me tornei e chegar até onde cheguei. Ao Prof. Dr. José Giacomo Baccarin, pela orientação, apoio, ajuda, disponibilidade e confiança no meu trabalho. A todos os professores dos quais eu já tive a honra de ser aluna, por me proporcionar conhecimentos que contribuíram para minha formação e me acompanharão por toda minha vida profissional. Agradeço aos meus companheiros de projeto Isabella Lima e Fábio Svezza por todo o apoio, ajuda e reuniões feitas a fim de executar da melhor forma o que nos foi passado. Aos meus amigos que fiz nessa caminhada e que pretendo levar para vida toda, em especial: A Mel Sabrine, pela a irmandade que já soma mais de 10 anos; A república “As Coyotes” por terem me recebido e me acolhido em todos os momentos difíceis Em especial as ex’s moradoras Ana Luiza Barbieri (Errorex), Fernanda Camargo (Marrada), Heloisa Gabarra (Nala), Karina Lobbe (Tardia) e Rayane Ferrari (Bruta-fíí) por toda a amizade, encontros, papeizinhos e fundos branco; Ao grupo “Musinhas 016” que me mostrou que mesmo sendo pessoas incrivelmente diferentes sempre estaremos umas pelas outras; Ao grupo “Militantes sem diploma” que sempre estiveram comigo, obrigada por toda a amizade, ajuda e apoio nesses anos e ao grupo “Grupo de quarta” por todos os encontros, dias malucos e risadas proporcionadas. Agradeço a todos que cruzaram meu caminho nesses anos, que, de alguma forma, me acrescentaram algo de positivo, torço por vocês sempre.

OBRIGADO!

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	VII
LISTA DE GRÁFICOS	VIII
RESUMO	IX
ABSTRACT	X
1. INTRODUÇÃO	01
2. OBJETIVO	03
3. REVISÃO DE LITERATURA	04
3.1. AGRONEGÓCIO BRASILEIRO	04
3.2. REPRIMARIZAÇÃO DA EXPORTAÇÃO BRASILEIRA	05
3.3. EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DO AGRONEGÓCIO E BALANÇA COMERCIAL	06
4. METODOLOGIA	09
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	11
5.1. SOJA	11
5.2. COMPLEXO SUCROALCOOLEIRO	14
5.3. PRODUTOS FLORESTAIS	17
5.4. BOVINOCULTURA	21

5.5. AVICULTURA	24
5.6. CAFÉ	27
5.7. FUMO E DERIVADOS	29
5.8. MILHO	33
5.9. LARANJA E CITRUS	36
5.10. SUINOCULTURA	39
6. CONCLUSÃO	42
7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICO	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Principais Produtos do Agronegócio Exportados	07
Tabela 2. Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Complexo Soja, Brasil, 1997 a 2019	11
Tabela 3. Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos do complexo soja, Brasil, 1997 a 2019	12
Tabela 4. Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Complexo Sucroalcooleiro, Brasil, 1997 a 2019	14
Tabela 5. Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos do complexo sucroalcooleiro, Brasil, 1997 a 2019	15
Tabela 6 - Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Produtos Florestais, Brasil, 1997 a 2019	17
Tabela 7 – Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos florestais, Brasil, 1997 a 2019	18
Tabela 8 – Valor importado, em milhões de dólares, e quantidade importada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos florestais, Brasil, 1997 a 2019	20
Tabela 9 – Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Bovinocultura, Brasil, 1997 a 2019	22
Tabela 10 – Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos da bovinocultura, Brasil, 1997 a 2019	23
Tabela 11 – Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Avicultura de Corte, Brasil, 1997 a 2019.....	25
Tabela 12 – Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos de avicultura de corte, Brasil, 1997 a 2019	26
Tabela 13 - Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Café, Brasil, 1997 a 2019	27
Tabela 14 – Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos do, Brasil, 1997 a 2019	28
Tabela 15 - Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Fumo e derivados, Brasil, 1997 a 2019	30
Tabela 16– Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos do complexo soja, Brasil, 1997 a 2019	31
Tabela 17 - Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Milho, Brasil, 1997 a 2019	33
Tabela 18 – Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos do Milho, Brasil, 1997 a 2019	34
Tabela 19 - Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Laranja e citrus, Brasil, 1997 a 2019	36
Tabela 20 – Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos de laranja e citrus, Brasil, 1997 a 2019	37
Tabela 21 - Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Suinocultura, Brasil, 1997 a 2019	39
Tabela 22 – Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos de suinocultura, Brasil, 1997 a 2019	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação do complexo soja, Brasil, 1997 a 2019	13
Gráfico 2 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação do complexo sucroalcooleiro, Brasil, 1997 a 2019	15
Gráfico 3 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação de produtos florestais, Brasil, 1997 a 2019	19
Gráfico 4 – Participação dos grupos de produtos no valor da importação de produtos florestais, Brasil, 1997 a 2019	21
Gráfico 5 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação da Bovinocultura, Brasil, 1997 a 2019	24
Gráfico 6 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação de avicultura de corte, Brasil, 1997 a 2019	27
Gráfico 7 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação da cadeia do Café, Brasil, 1997 a 2019	29
Gráfico 8 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação de fumo e derivados, Brasil, 1997 a 2019	33
Gráfico 9 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação do Milho, Brasil, 1997 a 2019	36
Gráfico 10 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação de laranja e citrus, Brasil, 1997 a 2019	38
Gráfico 11 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação de suinocultura, Brasil, 1997 a 2019	42

RESUMO

O agronegócio no Brasil é resultado da fusão entre a agricultura e pecuária de forma integral no país; ou seja, é a soma total das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, armazenamento, processamento e distribuição desses produtos e itens produzidos por meio deles; em conjunto com a pecuária. O presente trabalho realizou a análise da balança comercial do agronegócio, assim como a evolução e composição da exportação agrícola em 10 (dez) de suas cadeias e seu reflexo na reprimarização da pauta exportadora e a discussão sobre as implicações resultantes da dependência de commodities. Usando-se o último nível de desagregação das informações disponíveis no AgroStat, fez-se um reagrupamento de itens de acordo com a cadeia agropecuária que lhes dá origem. Isto envolveu um total de 2.734 itens na exportação e, 2.645 itens na importação. Foram selecionadas as cadeias mais exportadas, sendo elas: Complexo de soja; Complexo sucroalcooleiro; Produtos florestais; Bovinocultura; Avicultura de corte; Café; Fumo e derivados; Milho; Laranja e citrus e Suinocultura e posteriormente realizado a porcentagem de participação nas exportações de cada um dos grupos dentro da cadeia. Os resultados indicam que houve crescimento expressivo da exportação, entre 1997 e 2019, principalmente relacionado ao farelo de soja, de 118,4% em termos monetários e 66,6% em toneladas. Entre 2017 e 2019, a exportação de soja em grãos representava pouco mais de 80% das exportações do Complexo, a de farelo de soja, próximo a 17%, restando ao óleo de soja uma participação diminuta, próxima a 2,5%. Outras cadeias selecionadas como o Açúcar teve crescimento muito expressivo no período todo, de 192,25% em termos monetários e 180,70% em toneladas; e mesmo com o grande aumento nas exportações de etanol em todo o período, sua participação nas exportações ainda continua abaixo do Açúcar. Assim como na cadeia do Complexo Sucroalcooleiro, os dois principais produtos exportados, foram produtos com transformação industrial, agregando assim um valor a mais nos produtos exportados da cadeia. Podendo concluir que nos últimos anos, a economia brasileira vem passando por um processo de reprimarização da pauta exportadora. Esse movimento de regressão qualitativa da inserção do Brasil no comércio internacional tem bases endógenas, mas apresenta também forte relação com a recente crise.

Palavras-chave: Agronegócio, comércio internacional, exportação, transformação industrial.

ABSTRACT

Agribusiness in Brazil is the result of the fusion between agriculture and livestock in the country; that is, it is the sum total of the operations of production and distribution of agricultural supplies, storage, processing and distribution of those products and items produced through them; together with livestock. This work analyzed the balance of trade in agribusiness, as well as the evolution and composition of agricultural exports in 10 (ten) of its chains and its impact on the reprimarization of the export agenda and the discussion of the implications resulting from dependence on commodities. Using the last level of disaggregation of the information available in AgroStat, items were regrouped according to the agricultural chain that gives rise to them. This involved a total of 2,734 items in export and 2,645 items in import. The most exported chains were selected, namely: Soybean Complex; Sugar and alcohol complex; Forest products; Cattle farming; Poultry for cutting; Coffee; Smoke and derivatives; Corn; Orange and Citrus and Swine Farming and subsequently the percentage of participation in the exports of each of the groups within the chain was carried out. The results indicate that there was an expressive growth in exports between 1997 and 2019, mainly related to soybean meal, 118.4% in monetary terms and 66.6% in tons. Between 2017 and 2019, the export of soy in grains represented just over 80% of the exports of the Complex, that of soy meal, close to 17%, with soy oil remaining a small share, close to 2.5%. Other selected chains such as Sugar had very expressive growth in the entire period, of 192.25% in monetary terms and 180.70% in tons; and even with the large increase in ethanol exports throughout the period, its share of exports still remains below that of Sugar. As in the Sugar-Alcohol Complex chain, the two main exported products were products with industrial transformation, thus adding an extra value to the chain's exported products. It can be concluded that in recent years, the Brazilian economy has been going through a process of reprimarization of the export agenda. This qualitative regression movement of Brazil's insertion in international trade has endogenous bases, but it also has a strong relationship with the recent crisis.

Keywords: Agribusiness, international trade, export, industrial transformation.

1. INTRODUÇÃO

O agronegócio no Brasil é resultado da fusão entre a agricultura e pecuária de forma integral no país; ou seja, é a soma total das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, armazenamento, processamento e distribuição desses produtos e itens produzidos por meio deles; em conjunto com a pecuária, incluindo todos os seus serviços, técnicas e equipamentos relacionados, em exemplo a criação de animais e obtenção de produtos ou subprodutos dos mesmos, garantindo assim um setor com grande variabilidade de produção e resultando na incorporação de progressos técnicos (MENDONÇA, 2005).

Dentre os principais produtos agropecuários no Brasil, com significativo valor estratégicos em nossa economia, destaca-se o álcool e açúcar, café, carnes e couro, produtos de origem bovina, suína e de aves, soja, fruticultura e produtos florestais; refletindo em crescimento exacerbado e contínuo de forma positiva no país e representando em torno de um terço do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro (MAPA, 2011).

O comércio exterior do agronegócio brasileiro tem importante papel no crescimento econômico; em 2020, suas exportações atingiram US\$ 100,8 bilhões, o segundo maior valor dos últimos 10 anos (MAPA, 2021). Destaque-se que as exportações do agronegócio brasileiro cresceram 4,1% em 2020, em relação a 2019, que garantiu uma balança comercial positiva ao Brasil; resultado este que contrasta com o desempenho total das exportações brasileiras que caíram 6,9%. (MAPA, 2021). Estima-se que nos últimos anos, os dados do PIB caracterizam o agronegócio como um dos principais segmentos mais produtivos da economia brasileira, no que concerne à geração de renda e divisas (OLIVEIRA; SPERSE, 2010).

O Brasil tem se destacado no setor de produção e exportação, ao longo da última década de acordo com o relatório da FAO; sendo que em destaque pode-se citar a cadeia produtiva de

milho, onde observa-se um aumento da sua produção total de pouco menos de 52 milhões de toneladas em 2007/08 para quase 98 milhões de toneladas em 2017/18 (FAO, 2019). Esse crescimento na produção permitiu que o país aumentasse suas exportações de milho quase continuamente, tornando-se assim o maior exportador de milho do mundo em 2012/13 (FAO, 2019)

Apesar deste sucesso, há questões que merecem ser levadas em consideração e que apontam possibilidades de melhorar ainda mais as conquistas exteriores do agronegócio do Brasil. Um dos pontos é a grande dependência que o agronegócio apresenta à importação de insumos químicos, particularmente fertilizantes, agrotóxicos e medicamentos veterinários. Outro ponto a considerar é que há evidências que em cadeias, como da soja e do algodão, as exportações brasileiras têm se baseado cada vez mais em produtos primários (soja em grãos, algodão enfiado) e menos em produtos mais processados (farelo de soja, roupa e tecido).

Diante desse contexto, o tema do presente trabalho foi de descrever e avaliar a balança comercial do agronegócio brasileiro e o grau de processamento dos produtos de diversas cadeias agrícolas, sob a hipótese que esteja ocorrendo uma reprimarização das exportações setorial.

2. OBJETIVO

O presente trabalho objetiva analisar a balança comercial do agronegócio, assim como a evolução e composição da exportação agrícola em 10 de suas cadeias e seu reflexo na reprimarização da pauta exportadora e a discussão sobre as implicações resultantes da dependência de commodities, para o período 1997 a 2019. Especificamente, pretende-se:

- a) estabelecer quais são as principais cadeias em termos de saldo comercial do agronegócio;
- b) classificar seus produtos de exportação de acordo com o nível de processamento e analisar a evolução de suas participações percentuais;
- c) analisar as importações daquelas cadeias em que as mesmas representam acima de 10% das exportações, comparando o grau de processamento dos importados e exportados.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

O Agronegócio brasileiro representa importante setor da economia do país, com perspectivas satisfatórias embasadas em características de diversidades, tanto de clima quanto de solo, que favorecem o seu crescimento e desenvolvimento; (BACHA, 2000). Diversos fatores corroboram para que haja grandes chances a longo prazo, do Brasil aumentar sua produção agrícola; destacando entre eles a geografia do país; ou seja, o Brasil possui grandes áreas ainda inexploradas ou deficientemente exploradas que poderão futuramente ser incorporadas à produção agrícola, por meio de investimentos em produtividade e em meios de escoamento das safras de forma consciente e organizada. (NETO; NASCENTE, 2005). Além disto, a incorporação de mudanças tecnológicas, acentuadas a partir dos anos 1970, propiciou redução de custos médios e aumento de produtividade em diversas cadeias da agricultura brasileira.

O Brasil ocupa o terceiro lugar no ranking mundial dos exportadores do agronegócio, de acordo com os Dados da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), compilados pelo Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (ICONE, 2019); mostrando assim que o sucesso do agronegócio no Brasil é cada vez mais reconhecido e tem impactos positivos na economia brasileira, visto que mesmo após a recente estagnação das atividades econômicas do país, o setor continuou crescendo e sendo foco de investimento.

Apesar das perspectivas de continuação do desempenho do agronegócio continuarem promissoras, pode-se citar problemas tanto conjunturais como estruturais que podem resultar

em impacto negativo a longo e curto prazo dentro da economia do país. Em exemplo pode-se observar um declínio dos preços internacionais e domésticos como o avanço de certas pragas que podem afetar a produtividade em algumas regiões; ou salientar o surgimento de problemas relacionados a infraestrutura de transportes, cuja escassez tanto em termos de ampliação, como de excelência ameaça introduzir um vetor de aumento de custos significativo na estrutura de produção (CANUTO, 2004; WELCH, 2005). O Brasil, apesar do destaque produtivo e comercial presente no agronegócio, ainda se depara com vários empecilhos no setor de exportação e importação, principalmente relacionado aos mercados de países desenvolvidos, o que representa uma séria limitação econômica ao seu crescimento (MENEZES; PINHEIRO, 2005). Segundo Padilha Junior (2004), muito embora o potencial de comércio do agronegócio brasileiro seja muito grande, já poderia ser maior do que é atualmente, corroborando para a afirmação de que é necessário organizações públicas e privadas com rumos bem definidos; porém mesmo assim, o Brasil ocupa lugar de destaque entre os demais países no setor.

3.2. REPRIMARIZAÇÃO DA EXPORTAÇÃO BRASILEIRA

O fenômeno onde ocorre maior exportação de produtos primários em detrimento dos produtos industrializados é denominado reprimarização da pauta exportadora, ou seja quando há maior exportação de produtos primários em detrimento dos produtos industrializados. Sabe-se que quando um país reduz a exportação de bens industriais em relação aos primários, comumente representados por *commodities* agrícolas e minerais, temos a reprimarização, sendo então necessário compreender o que representam as *commodities* e o reflexo da reprimarização no contexto exportação brasileira (WALLERSTEIN, 2004).

O reflexo da evolução histórica e desenvolvimento tecnológico dentro do setor de agronegócio é uma realidade nos dias de hoje, visto que temas como a Taxação da Agricultura e Preocupação com o Abastecimento Alimentar, vêm se estendendo desde a segunda guerra

mundial, através de instrumentos de políticas públicas em detrimento dos interesses agrícolas (HOPEWELL, 2016). Nas últimas duas décadas, observou-se modificação qualitativa no comércio externo do Brasil, além de grande aumento no volume e no valor das commodities; ou seja, as exportações passaram a ser compostas em sua grande maioria por produtos primários de menor valor agregado e menor rentabilidade, categorizando um movimento denominado de reprimarização das exportações (MEDINA; RIBEIRO; BRASIL, 2016).

De acordo com pesquisas bibliográficas, a partir de dados colhidos em doutrinas, regulamentações, dissertações, notícias e artigos científicos, as causas do fenômeno de reprimarização, podem ser classificadas em quatro categorias:

I. Análises que enfatizam aspectos nacionais relativos à reprimarização, com ênfase nas questões sobre a desindustrialização brasileira e o reflexo no comportamento da taxa de câmbio e do impacto econômico da doença holandesa no Brasil (BRESSER-PEREIRA, 2010a; 2010b, BRESSER-PEREIRA; MARCONI, 2009, 2010; CANO, 2012; SAMPAIO, 2013).

II. Análises que enfatizam aspectos externos que acarretam a reprimarização, com destaque para o papel da China e do Leste Asiático na conjuntura internacional do século XXI, com enfoque na ascensão chinesa (CUNHA; LELIS; FLIGENSPAN, 2013; BARBOSA, 2011; MEDEIROS; CINTRA, 2015).

III. A reprimarização das exportações brasileiras em perspectiva histórica de longa duração como consequência da relação entre Estado, Agronegócio e política públicas, empregadas no sentido de priorizar a produção primária em detrimento de outros setores. (DELGADO, 2010, 2012, 2013)

IV. Análises que tomam a reprimarização como uma tese equivocada, dado o grau de sofisticação produtiva hoje envolvido na produção de commodities e o elevado Índice de Vantagem Comparativa Revelada. (NAKAHODO; JANK, 2006).

3.3. EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DO AGRONEGÓCIO E BALANÇA

COMERCIAL

O ano de 1980 foi marcado pela crescente produção agrícola mundial em ritmo acelerado que resultou em maior incorporação entre diferentes economias nos mais diversos países, com reflexo na exportação e no saldo comercial brasileiro e mundial. Sabe que a década de 1980, foi evidenciada pela expansão do valor monetário real das exportações agrícolas dos países desenvolvidos, com uma taxa crescente anual de 4,2%, em contraste com uma taxa inferior de 2,1% nos países em desenvolvimento (HELFAND; REZENDE, 2001). Após o final da Segunda Guerra Mundial até o ano de 1980, observou-se um aumento do PIB brasileiro, apresentando em média 7,1% a.a.; ou seja, altas taxas de crescimento (SERRA, 1982).

Durante os anos 1990, a economia brasileira vivenciou inúmeras transformações em função da centralização entre a estabilização macroeconômica e as reformas regulatórias, que resultaram na ampliação do grau de exposição entre os produtores domésticos em relação a competição do mercado internacional e, conseqüentemente, a diminuição do papel ativo do Estado como produtor de bens e serviços. (DELGADO, 2013)

Assim, pode-se dizer que diversas políticas públicas ajudaram a consolidar o saldo comercial do agronegócio brasileiro, através de revoluções históricas, investimento em tecnologia e mudanças em políticas públicas com ênfase na exportação e crescimento econômico.

Tabela. 01. Principais Produtos do Agronegócio Exportados, em dólares e peso.

Produto	Exportações (US\$ milhões)		Variação (%) 2019-20	Exportações (1.000 toneladas)		Variação (%) 2019-020
	2019	2020		2019	2020	
Soja em grãos	26.072	28.563	-9,6	74.064	82.974	12,0
Carne bovina in natura	6.546	7.447	13,8	1.570	1.724	9,9
Açúcar de cana em bruto	4.483	7.409	65,2	15.980	26.827	67,9
Celulose	7.480	5.990	-19,9	15.295	16.217	6,0
Farelo de Soja	5.855	5.916	1,0	16.682	16.956	1,6
Milho	7.212	5.850	-18,9	42.724	34.639	-18,9
Carne de frango in natura	6.693	5.737	-14,3	4.079	4.033	-1,1

Café verde	4.574	4.974	8,7	2.231	2.273	6,4
Algodão não cardado nem penteado	2.640	3.227	22,2	1.614	2.125	31,7
Carne suína in natura	1.448	2.120	42,5	657	901	37,2
Papel	2.004	1.745	-12,9	2.184	2.105	-3,6
Fumo não manufaturado	1.1994	1.472	-26,2	388	361	-6,9
Suco de laranja	1.909	1.425	-25,4	2.251	2.044	-9,2
Açúcar refinado	696	1.363	95,9	1.909	3.961	107,5
Álcool etílico	998	1.201	20,3	1.544	2.165	40,2
Outros	16.204	16.368	1,0	16,524	18.985	14,9
Total Agronegócio	96.851	100.807	4,1	199.694	218.389	9,4

Fonte: Comex Stat/Ministério da Economia

O agronegócio no Brasil, é tido como o principal setor responsável pelo crescimento da economia no país, agregado ao comércio exterior brasileiro. De acordo com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), observar-se a evolução das vendas externas brasileiras de produtos do agronegócio no período recente, em exemplo 2014-2016, onde as exportações apresentaram estreitamento, especialmente influenciadas pela queda no preço das commodities no mercado internacional.

Por meio de dados disponíveis nas plataformas governamentais, como o Ministério da Economia, observa que o saldo da balança comercial do agronegócio, em 2020, foi positivo em US\$ 87,8 bilhões, atingindo seu maior valor da história, e a soja em grãos foi o principal produto da pauta exportadora do agronegócio brasileiro no mesmo ano, conforme demonstrado na Tabela 1. Nos últimos quatro anos, as vendas internacionais de soja em grãos, tiveram aumento de 5,7% ao ano, em média. No ano de 2019, os produtos mais vendidos, depois da soja em grãos, foram: carne bovina in natura (US\$ 7,4 bilhões), açúcar de cana em bruto (US\$ 7,4 bilhões), celulose (US\$ 6 bilhões) e farelo de soja (US\$ 5,9 bilhões).

4. METODOLOGIA

Os dados utilizados são oriundos do Sistema Agrostat do MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) <https://www.gov.br/pt-br/orgaos/ministerio-da-agricultura-pecuaria-e-abastecimento>, que apresenta dados do comércio exterior do agronegócio brasileiro, subdividido em 24 setores do agronegócio. São eles: Animais vivos (exceto pescados), Bebidas, Cacau e seus produtos, Café, Carnes, Cereais, farinhas e preparações, Chá, mate e especiarias, Complexo soja, Complexo sucroalcooleiro, Couros, produtos de couros e peleteria, Demais produtos de origem animal, Demais produtos de origem vegetal, Fibras e produtos têxteis, Frutas (inclui nozes e castanhas), Fumo e seus produtos, Lácteos, Pescados, Plantas vivas e produtos de floricultura, Produtos alimentícios diversos, Produtos apícolas, Produtos florestais, Produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos, Produtos oleaginosos (exclui soja), Rações para animais e Sucos.

Alguns desses setores confundem-se, praticamente, com determinada cadeia agrícola, como no caso do cacau e seus produtos, complexo soja e complexo sucroalcooleiro. Contudo, outros envolvem mais de uma cadeia, como carnes, que contêm carne bovina, de aves, de suínos e outros animais. Algo semelhante ocorre com cereais, em que estão milho, arroz, trigo, milho e outros. Ao mesmo tempo, determinada cadeia costuma ter produtos em mais de um setor considerado pelo MAPA. Exemplo, disto é a bovinocultura de corte, com produtos em animais vivos, carnes, couro, peleteria e produtos.

Usando-se o último nível de desagregação das informações disponíveis no AgroStat, fez-se um reagrupamento de itens de acordo com a cadeia agropecuária que lhes dá origem. Isto envolveu um total de 2.734 itens na exportação e, 2.645 itens na importação. Esta reclassificação resultou em 26 cadeias ou agrupamentos de produtos: Algodão, Arroz, Avicultura de corte, Avicultura de postura, Bebidas e produtos alimentícios, Bovinocultura, Cacau e seus produtos, Café, Complexo soja, Complexo sucroalcooleiro, Feijão, Frutas exceto citrus, Fumo e derivados, Hortícolas, Lácteos, Laranja e citrus, Milho, Outras aves, Outros

animais, Outros grãos, Outros vegetais, Pescados, Produtos florestais, Ração animal, Suinocultura e Trigo.

No presente trabalho foi analisado as dez principais cadeias, de acordo com o saldo comercial, quais sejam: complexo soja, complexo sucroalcooleiro, produtos florestais, bovinocultura de corte, avicultura de corte, café, fumo e derivados, milho, laranja e citrus e suinocultura. Todas apresentaram saldo positivo, em termos absolutos acima da cadeia com maior saldo negativo, que foi o trigo.

Os produtos dessas dez cadeias foram subdivididos em grupos menores de acordo com as categorias dos produtos presentes nas cadeias, os valores exportados e importados dos produtos de cada um dos grupos foram somados, dividido pelo valor total exportado da cadeia, ou pelo valor total importado como ocorreu no caso da cadeia de Produtos Florestais e multiplicados por cem, assim, foi possível realizar a porcentagem de participação nas exportações de cada um dos grupos dentro da cadeia. Foi realizado também o cálculo de variação em porcentagem da taxa de crescimento dos valores monetários e pesos exportados, o cálculo foi realizado da seguinte forma: O valor exportado em 2019 menos o valor exportado em 1997, dividido pelo valor exportado em 1997 e multiplicado por cem.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1. SOJA

Observa-se na Tabela 2 que a exportação do complexo de soja cresceu quase cinco vezes, de 1997-2019, contra diminuição de 78,3% na importação. O saldo comercial também teve aumento, de mais de seis vezes, passando de R\$ 21.090,63 milhões, em 1997, para R\$ 128.507,63 milhões, em 2019.

Tabela 2 - Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Complexo Soja, Brasil, 1997 a 2019.

Ano	Exportação		Importação		Saldo Comercial	
	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.
1997	22.727,43		1.636,80		21.090,63	
1998	20.041,53	-11,8	1.607,72	-1,8	18.433,81	-12,6
1999	22.865,69	14,1	1.080,27	-32,8	21.785,42	18,2
2000	24.145,33	5,6	1.084,64	0,4	23.060,69	5,9
2001	36.391,94	50,7	1.376,33	26,9	35.015,61	51,8
2002	45.540,19	25,1	2.204,59	60,2	43.335,60	23,8
2003	59.345,04	30,3	2.232,78	1,3	57.112,26	31,8
2004	64.719,98	9,1	813,43	-63,6	63.906,55	11,9
2005	47.924,62	-26,0	524,35	-35,5	47.400,27	-25,8
2006	40.859,31	-14,7	214,15	-59,2	40.645,16	-14,3
2007	42.838,94	4,8	363,08	69,5	42.475,86	4,5
2008	60.350,21	40,9	376,37	3,7	59.973,84	41,2
2009	60.318,36	-0,1	274,45	-27,1	60.043,91	0,1
2010	49.809,39	-17,4	227,63	-17,1	49.581,77	-17,4
2011	62.775,50	26,0	93,55	-58,9	62.681,95	26,4
2012	74.745,60	19,1	484,94	418,4	74.260,66	18,5
2013	92.428,99	23,7	454,04	-6,4	91.974,95	23,9
2014	96.194,21	4,1	824,28	81,5	95.369,93	3,7
2015	109.446,36	13,8	542,69	-34,2	108.903,67	14,2
2016	97.994,65	-10,5	690,00	27,1	97.304,65	-10,7
2017	108.597,26	10,8	497,99	-27,8	108.099,27	11,1
2018	155.225,25	42,9	384,69	-22,8	154.840,56	43,2
2019	128.863,38	-17,0	355,74	-7,5	128.507,63	-17,0
Período		467,0		-78,3		509,3

Fonte: MAPA (2020).

Como a importação da cadeia é pouco importante, é feita apenas a análise da composição da exportação. Os itens exportados foram classificados em quatro grupos: a) Farelo de soja, englobando os seguintes produtos “Farinha de soja”, “Farinhas e pellets da extração do óleo de soja” e “Bagaços e outros resíduos sólidos da extração do óleo de Soja”; b) Óleo de Soja, com os produtos “Óleo de Soja em bruto”, “Óleo de Soja refinado”, “Outros óleos de Soja”; c) Grãos de Soja, incluindo “Soja exceto para semeadura”, “Outros grãos de soja” e; d) Outros Produtos, demais produtos do complexo, com pequena participação no comércio exterior, abaixo de 1%.

Na Tabela 3 é apresentada a evolução da exportação de cada um dos grupos considerados. Outros produtos apresentaram pequena participação na exportação. No caso do óleo de soja, o volume físico exportado tendeu a crescer até 2005 e depois recuou, voltando, no final do período, para os valores iniciais. No caso do farelo, houve crescimento expressivo da exportação, entre 1997 e 2019, de 118,4% em termos monetários e 66,6% em toneladas.

Tabela 3 – Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos do complexo soja, Brasil, 1997 a 2019.

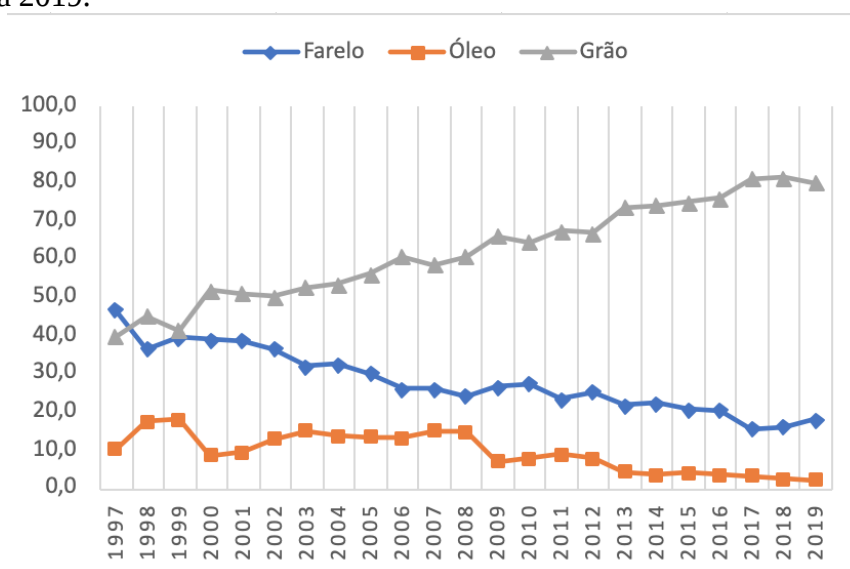
Ano	Soja em Grão		Farelo de soja		Óleo de Soja		Outros Produtos	
	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso
1997	2.286,16	7.787,66	2.680,84	10.013,14	595,17	1.122,89	182,11	560,14
1998	2.149,67	9.189,58	1.746,29	10.422,44	832,84	1.366,89	51,45	110,24
1999	1.568,80	8.792,44	1.502,07	10.420,95	686,17	1.547,78	43,52	130,29
2000	2.184,83	11.506,58	1.644,73	9.342,80	359,01	1.072,96	28,24	24,23
2001	2.719,90	15.655,79	2.065,19	11.270,73	505,88	1.651,53	37,04	36,69
2002	3.027,15	15.951,44	2.198,95	12.517,41	777,23	1.932,40	33,02	25,41
2003	4.283,41	19.864,28	2.602,52	13.602,55	1.232,55	2.485,99	40,38	32,22
2004	5.366,24	19.167,23	3.263,61	14.453,74	1.382,04	2.517,15	60,97	57,23
2005	5.308,01	22.291,22	2.859,36	14.389,43	1.266,22	2.696,12	38,72	35,65
2006	5.643,59	24.879,32	2.416,78	12.317,66	1.228,57	2.419,28	32,49	31,01
2007	6.677,32	23.653,13	2.958,78	12.477,20	1.719,65	2.342,49	50,05	49,22
2008	10.944,34	24.492,59	4.361,65	12.280,41	2.670,50	2.315,71	90,95	55,68
2009	11.412,98	28.547,86	4.591,53	12.249,97	1.231,69	1.591,66	62,36	45,63
2010	11.035,21	29.064,45	4.718,57	13.666,14	1.352,43	1.563,76	63,77	42,50
2011	16.307,03	32.963,11	5.689,47	14.334,93	2.128,11	1.740,67	94,64	54,45
2012	17.442,00	32.899,80	6.595,48	14.289,06	2.069,59	1.756,03	43,89	29,19

2013	22.808,01	42.792,70	6.787,33	13.333,59	1.365,54	1.362,12	64,19	35,43
2014	23.273,06	45.688,85	7.000,78	13.716,46	1.129,54	1.305,00	94,43	50,02
2015	20.981,83	54.322,60	5.821,11	14.826,67	1.153,98	1.669,88	59,44	31,83
2016	19.327,39	51.577,47	5.192,94	14.443,91	898,30	1.254,19	32,53	23,37
2017	25.712,17	68.147,70	4.973,42	14.177,12	1.031,15	1.342,51	32,34	24,31
2018	33.046,71	83.246,81	6.624,42	16.670,19	1.025,37	1.414,56	33,19	27,97
2019	26.071,76	74.063,63	5.855,30	16.681,82	694,67	1.041,29	47,61	34,71
Var. %	1.040,42	851,04	118,41	66,60	16,72	-7,27	-73,86	-93,80

Fonte: MAPA (2020).

Contudo, o grande destaque se verifica na soja em grãos. Sua quantidade exportada aumentou em mais de nove vezes, de 7.787,7 milhões t, em 1997, para 74.063,6 milhões t, em 2019. Com isto, este grupo que tinha participação semelhante, entre 1997 e 2000, ao farelo de soja no valor monetário exportado, próximo a 40% cada, aumentou muito sua participação, ao longo dos anos, conforme revela o Gráfico 1. Entre 2017 e 2019, a exportação de soja em grãos representava pouco mais de 80% das exportações do Complexo, a de farelo de soja, próximo a 17%, restando ao óleo de soja uma participação diminuta, próxima a 2,5%.

Gráfico 1 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação do complexo soja, Brasil, 1997 a 2019.



Fonte: MAPA (2020).

Portanto, ganhou participação a exportação do produto sem transformação industrial. Em parte, isto é explicado pelo maior uso interno do farelo de soja para compor as rações, em especial da avicultura e suinocultura brasileira, que cresceram muito no período. Também a

criação do Programa Biodiesel, em 2008, criou mercado interno adicional para o óleo de soja. Contudo, o aumento da quantidade exportada de soja em grãos deixa claro que há potencial para se elevar a transformação interna e, em decorrência, crescer a exportação de produtos com maior nível de agregação da cadeia. Ressalte que o aumento da exportação de soja em grãos pelo Brasil no presente século, quase que totalmente, ocorreu para atender as compras feitas pela China (MAPA, 2020).

5.2. COMPLEXO SUCROALCOOLEIRO

A Tabela 4 nos apresenta os valores de exportação, importação e o saldo comercial da cadeia do Complexo Sucroalcooleiro, de 1997-2019. Observamos que a exportação do complexo sucroalcooleiro cresceu mais que duas vezes, em todo o período, saindo de R\$ 7.281,24 milhões, em 1997, para R\$ 24.488,63 milhões, em 2019. A importação também teve aumento significativo, de mais de duas vezes, porém seu valor continua sendo muito menor que o das exportações. O saldo comercial seguiu o ritmo de crescimento da exportação e importação, com aumento de duas vezes, passando de R\$ 6.525,92 milhões, em 1997, para R\$ 21.905,84, em 2019.

Tabela 4 - Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Complexo Sucroalcooleiro, Brasil, 1997 a 2019.

Ano	Exportação		Importação		Saldo Comercial	
	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.
1997	7.281,24	-	755,32	-	6.525,92	-
1998	8.329,91	14,4	66,06	-91,3	8.263,85	26,6
1999	11.968,41	43,7	89,39	35,3	11.879,02	43,7
2000	7.129,64	-40,4	139,08	55,6	6.990,56	-41,2
2001	16.285,09	128,4	372,22	167,6	15.912,87	127,6
2002	17.268,20	6,0	87,52	-76,5	17.180,68	8,0
2003	16.885,25	-2,2	93,41	6,7	16.791,84	-2,3
2004	20.293,32	20,2	96,16	2,9	20.197,16	20,3
2005	23.831,34	17,4	88,55	-7,9	23.742,79	17,6
2006	34.197,35	43,5	86,25	-2,6	34.111,11	43,7
2007	24.788,63	-27,5	125,99	46,1	24.662,64	-27,7
2008	26.416,80	6,6	138,82	10,2	26.277,98	6,5

2009	33.970,98	28,6	100,11	-27,9	33.870,87	28,9
2010	40.049,32	17,9	240,01	139,7	39.809,31	17,5
2011	42.679,23	6,6	2.315,24	864,7	40.363,99	1,4
2012	43.043,07	0,9	1.333,84	-42,4	41.709,22	3,3
2013	40.917,22	-4,9	510,73	-61,7	40.406,49	-3,1
2014	31.716,56	-22,5	934,08	82,9	30.782,48	-23,8
2015	33.383,21	5,3	1.244,79	33,3	32.138,43	4,4
2016	43.726,85	31,0	1.697,85	36,4	42.029,00	30,8
2017	41.897,19	-4,2	3.248,67	91,3	38.648,52	-8,0
2018	28.398,46	-32,2	3.038,96	-6,5	25.359,51	-34,4
2019	24.488,63	-13,8	2.582,79	-15,0	21.905,84	-13,6
Período	-	236,3	-	241,9	-	235,7

Fonte: MAPA (2020).

Foi realizada apenas a análise da exportação da cadeia, embora a importação venha se mostrando mais significativa desde 2011 por conta do aumento da importação do produto “Álcool etílico com teor de água $\leq 1\%$ de volume”. Os itens exportados foram classificados em três grupos: a) Açúcar, englobando “Açúcar de cana em bruto”, “Açúcar refinado”, “Melaços” e “Demais açúcares”; b) Etanol, com “Álcool etílico” e; c) Outros Produtos, com produtos como “Mudas de Cana-de-açúcar”, “Bebidas alcoólicas” e “Desperdícios da indústria do açúcar”, com participação na exportação abaixo de 1%.

Na Tabela 5 é revelado que “Outros produtos” apresentou pequena participação na exportação. O Açúcar teve crescimento muito expressivo no período todo, de 192,25% em termos monetários e 180,70% em toneladas. O etanol teve sua quantidade exportada aumentando até 2008 e passou a cair até o fim do período, finalizando-o com uma quantidade exportada de 1.544,13 milhões t, valor ainda bem superior ao exportado em 1997, representando aumento monetário de 1.743,90% e de 1.216,67% em toneladas.

Tabela 5 – Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos do complexo sucroalcooleiro, Brasil, 1997 a 2019.

Ano	Açúcar		Etanol		Outros Produtos	
	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso
1997	1.777,81	6.387,38	54,13	117,28	8,37	8,19
1998	1.944,38	8.378,81	35,52	94,34	6,92	6,34

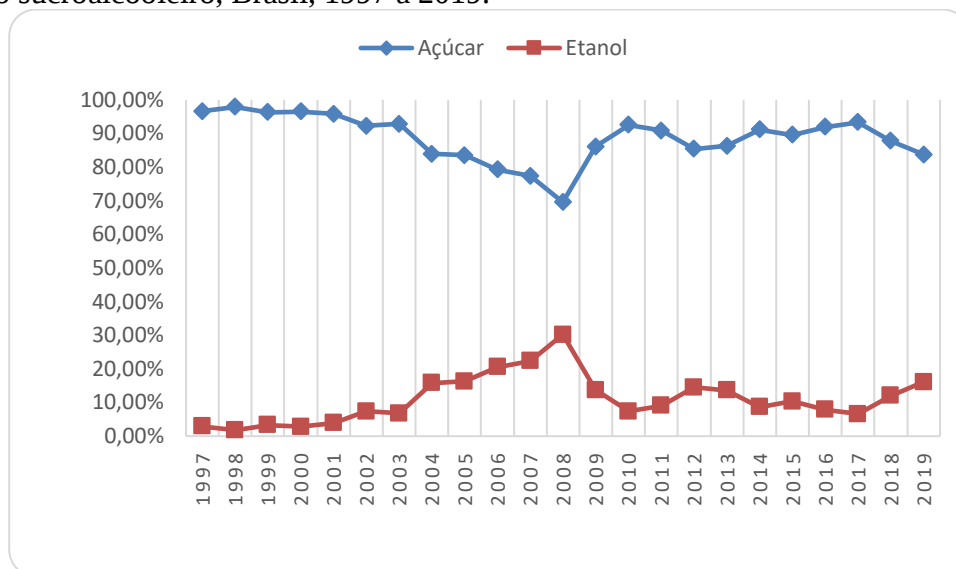
1999	1.916,04	12.148,00	65,85	325,78	7,41	8,71
2000	1.201,99	6.526,14	34,79	181,81	8,36	10,26
2001	2.283,51	11.208,78	92,15	276,54	8,59	10,84
2002	2.110,96	13.495,87	169,15	631,32	8,78	11,12
2003	2.154,38	13.048,49	157,96	605,90	9,07	8,31
2004	2.649,55	15.822,00	497,74	1.926,63	11,11	10,34
2005	3.931,75	18.232,22	765,53	2.080,49	12,99	13,47
2006	6.182,49	18.931,50	1.604,70	2.733,21	14,42	11,94
2007	5.108,43	19.368,60	1.477,65	2.824,12	13,86	9,31
2008	5.502,04	19.531,37	2.390,07	4.094,92	16,46	11,30
2009	8.388,49	24.354,90	1.338,15	2.646,71	15,82	11,69
2010	12.775,23	28.057,62	1.014,26	1.524,34	16,05	10,68
2011	14.956,83	25.385,23	1.491,76	1.574,04	17,37	9,98
2012	12.858,06	24.364,27	2.186,19	2.478,64	15,07	8,67
2013	11.848,72	27.160,85	1.868,94	2.322,41	16,77	10,09
2014	9.468,57	24.141,67	898,03	1.115,26	18,66	9,87
2015	7.651,71	24.033,50	880,47	1.489,39	13,35	7,70
2016	10.446,40	28.956,30	896,34	1.434,79	13,99	8,26
2017	11.426,21	28.732,27	806,86	1.135,14	15,84	8,98
2018	6.539,92	21.292,54	894,24	1.341,52	17,34	18,48
2019	5.195,65	17.929,21	998,08	1.544,13	14,61	7,69
Var. %	192,25	180,70	1.743,90	1.216,67	74,61	-6,12

Fonte: MAPA (2020).

Mesmo com o grande aumento nas exportações de etanol em todo o período, sua participação nas exportações ainda continua abaixo do Açúcar, conforme Gráfico 2. O Etanol começou o período com 2,94% de participação, atingindo seu pico em 2008 com 30,22%, voltando a regredir, finalizando 2019 com 16,8% de participação. Em contraparte, o Açúcar sempre apresentou as maiores participações, iniciando com 96,60%, vindo a cair gradativamente até o ano de 2008, em que apresentou 69,57% de participação, voltando a crescer no ano seguinte, finalizando 83,69%, em 2019. O grupo “Outros produtos” apresentou uma participação de menos de 1% em todo o período.

Na cadeia do Complexo Sucroalcooleiro, os dois principais produtos exportados, são produtos com transformação industrial, agregando assim um valor a mais nos produtos exportados da cadeia.

Gráfico 2 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação do complexo sucroalcooleiro, Brasil, 1997 a 2019.



Fonte: MAPA (2020).

5.3. PRODUTOS FLORESTAIS

A Tabela 6 contém os valores de exportação, importação e o saldo comercial da cadeia de produtos florestais, de 1997-2019. A exportação cresceu mais que duas vezes, chegando, em 2019, a R\$ 51.830,24 milhões, bem acima do que em 1997, de R\$ 14.033,71 milhões. A importação desses produtos apresenta valor monetário relativamente importante, porém se manteve sem grandes variações durante os anos, com crescimento de 17,1%, bem menor que o da exportação, de 269,3%. Com isto, o saldo comercial apresentou crescimento de 415,7%.

Tabela 6 - Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Produtos Florestais, Brasil, 1997 a 2019.

Ano	Exportação		Importação		Saldo Comercial	
	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.
1997	14.033,71	-	5.153,35	-	8.880,36	-
1998	14.302,75	1,92	5.492,49	6,17	8.810,26	-0,79
1999	23.406,79	63,65	5.869,55	6,42	17.537,24	99,05
2000	25.459,02	8,77	6.672,85	12,04	18.786,16	7,12
2001	27.950,19	9,79	6.354,43	-5,01	21.595,76	14,96
2002	32.384,14	15,86	5.744,84	-10,61	26.639,30	23,35
2003	39.883,19	23,16	5.764,54	0,34	34.118,64	28,08
2004	43.136,74	8,16	7.025,93	17,95	36.110,81	5,84
2005	36.637,94	-15,07	6.246,90	-12,47	30.391,04	-15,84

2006	34.854,65	-4,87	7.220,33	13,48	27.634,32	-9,07
2007	33.338,36	-4,35	7.402,77	2,46	25.935,58	-6,15
2008	31.350,31	-5,96	8.661,49	14,53	22.688,82	-12,52
2009	25.394,65	-19,00	6.163,75	-40,52	19.230,90	-15,24
2010	27.156,33	6,94	8.334,28	26,04	18.822,05	-2,13
2011	25.256,72	-7,00	9.012,58	7,53	16.244,14	-13,70
2012	26.261,72	3,98	8.121,93	-10,97	18.139,79	11,67
2013	29.026,07	10,53	8.034,31	-1,09	20.991,76	15,72
2014	30.835,26	6,23	7.640,76	-5,15	23.194,50	10,49
2015	40.933,96	32,75	7.067,18	-8,12	33.866,78	46,01
2016	39.968,58	-2,36	5.714,55	-23,67	34.254,04	1,14
2017	40.002,16	0,08	5.374,55	-6,33	34.627,61	1,09
2018	53.952,76	34,87	5.978,98	10,11	47.973,78	38,54
2019	51.830,24	-3,93	6.033,61	0,91	45.796,62	-4,54
Período	-	269,33	-	17,08	-	415,71

Fonte: MAPA (2020).

Por ambas se mostrarem significativas, analisou-se a composição tanto da exportação quanto da importação setorial. Os itens foram classificados em quatro grupos: a) Madeira, englobando “Madeira em bruto”, “Móveis de madeira”, “Folhas de madeira” entre outros; b) Papel; c) Celulose, englobando “Pastas químicas de madeiras” e; d) Outros Produtos, como “Cortiças”, “Borrachas naturais” e “Óleos essenciais”.

A Tabela 7, referente à exportação, mostra que o grupo “Celulose” foi o que apresentou a maior taxa de crescimento, de 631,18%, em termos monetários, e de 511,44%, em volume físico. O grupo da Madeira teve crescimento considerável em suas exportações, atingindo seu pico em 2007, com US\$ 4.084,55 milhões, começando a regredir no ano seguinte e fechando o período com US\$ 3.438,43 milhões, porém ainda apresentando crescimento em todo o período, de 128,21% em valor monetário.

Tabela 7 – Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos florestais, Brasil, 1997 a 2019.

Ano	Madeira		Celulose		Papel		Outros produtos	
	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso
1997	1.506,72	3.409,87	1.022,98	2.501,44	965,76	1.330,55	51,49	31,54
1998	1.387,50	3.652,54	1.048,63	2.802,36	930,19	1.219,46	45,09	37,40
1999	1.707,44	3.926,53	1.243,12	3.108,59	900,66	1.330,80	39,31	44,80

2000	1.870,55	4.541,19	1.601,37	3.009,61	940,57	1.225,93	33,71	43,58
2001	1.873,62	4.527,85	1.246,24	3.332,60	941,59	1.368,94	30,64	38,10
2002	2.209,16	5.485,15	1.158,86	3.436,48	894,63	1.463,02	29,90	36,78
2003	2.614,60	6.175,11	1.741,91	4.559,84	1.087,00	1.781,37	39,73	54,72
2004	3.769,49	7.485,21	1.722,02	4.987,54	1.185,73	1.851,85	36,37	43,63
2005	3.790,44	7.243,02	2.033,82	5.545,37	1.372,80	2.040,38	44,48	41,70
2006	3.872,13	6.492,71	2.483,64	6.243,54	1.523,53	1.991,46	72,51	54,92
2007	4.084,55	6.366,98	3.023,19	6.580,18	1.702,58	2.009,04	65,82	41,24
2008	3.483,71	4.980,24	3.916,10	7.212,58	1.920,02	1.984,69	65,74	43,56
2009	2.217,52	3.482,63	3.312,73	8.584,00	1.686,16	2.009,51	66,22	47,62
2010	2.474,71	3.576,63	4.757,60	8.793,64	2.009,03	2.077,54	120,01	51,19
2011	2.391,16	3.340,09	4.994,94	8.883,52	2.193,43	2.078,16	164,60	44,51
2012	2.357,81	3.383,94	4.700,16	8.911,20	1.956,50	1.903,22	173,38	81,02
2013	2.467,93	3.751,66	5.179,18	9.847,72	1.975,39	1.896,74	120,95	64,91
2014	2.723,13	4.241,41	5.291,33	11.027,40	1.926,28	1.872,21	156,50	66,13
2015	2.700,31	4.667,63	5.590,12	11.965,70	2.034,08	2.135,42	153,96	84,69
2016	2.788,12	5.763,25	5.572,54	13.521,28	1.873,75	2.131,63	146,19	99,90
2017	3.252,12	6.595,98	6.350,30	13.844,30	1.918,14	2.164,88	174,13	117,41
2018	3.677,36	7.276,22	8.276,46	15.191,83	2.002,66	2.059,70	200,37	114,45
2019	3.438,43	7.490,49	7.479,88	15.294,67	2.004,20	2.183,89	217,36	129,92
Var. %	128,21	119,67	631,18	511,44	107,53	64,13	322,12	311,98

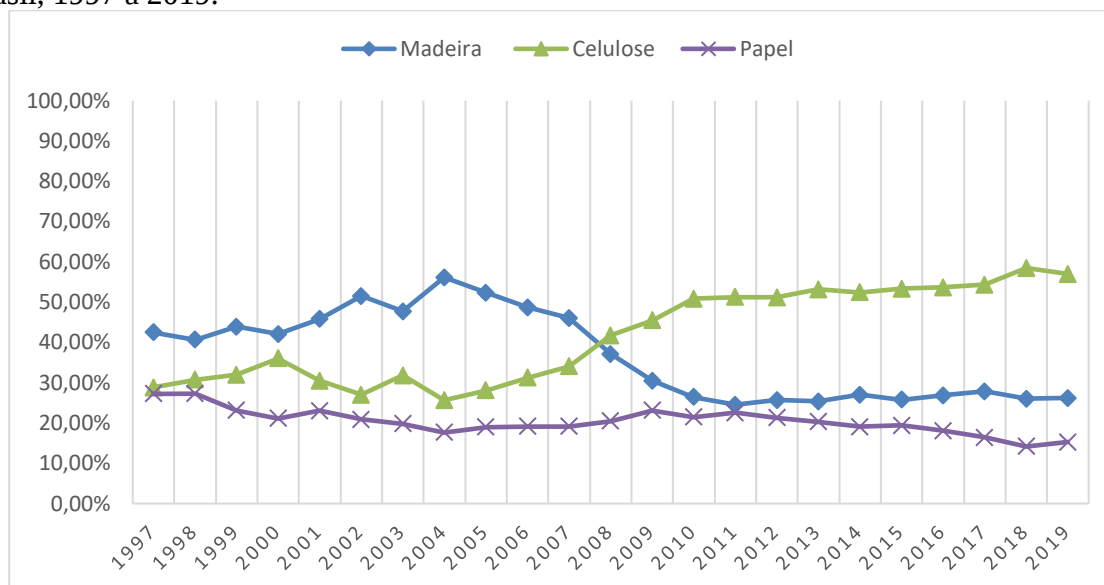
Fonte: MAPA (2020).

O grupo Outros Produtos apresentou grande crescimento no período, mais de três vezes em dólares e peso exportado, porém ainda apresenta valores bem abaixo dos outros grupos, com participação na exportação de menos de 2% em todo o período. Pelo Gráfico 3 percebe-se que o grupo “Papel” apresentou constante e suave diminuição em sua participação nas exportações, de 27,23%, em 1997, para 15,25%, em 2019. O grupo Madeira era o com maior participação nas exportações, em 1997, se mantendo assim até o ano de 2007, com um pico em 2004. Depois de 2007, o grupo Celulose tornou-se o mais importante, alcançando próximo a 50% das exportações no final do período.

Na Tabela 8, relativa à importação, verifica-se que o único grupo que tendeu a aumentar sua importação em volume físico em todo o período foi o de Outros Produtos. Isto se deveu ao item “Borracha natural”, que em alguns anos chegou a ultrapassar 90% de participação na importação de Outros Produtos. Interessante lembrar que a seringueira, do qual se extrai a

borracha, é uma planta originada do Brasil, proporcionando grandes saldos comerciais no início do século XX. Com o plantio da seringueira em outros países, a exploração extrativista no Brasil perdeu competitividade, resultando na necessidade de importação do produto.

Gráfico 3 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação de produtos florestais, Brasil, 1997 a 2019.



Fonte: MAPA (2020).

Tabela 8 – Valor importado, em milhões de dólares, e quantidade importada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos florestais, Brasil, 1997 a 2019.

Ano	Madeira		Celulose		Papel		Outros produtos	
	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso
1997	125,41	444,24	151,48	286,82	877,24	956,52	148,35	115,78
1998	119,42	407,04	174,46	330,87	894,72	1.940,56	121,44	132,30
1999	64,11	241,88	184,21	355,69	644,33	782,74	82,94	113,42
2000	75,84	334,52	233,69	342,94	738,68	867,73	117,15	155,15
2001	59,46	314,73	182,13	329,95	589,22	644,37	99,53	145,02
2002	48,36	237,80	170,09	359,09	423,04	573,63	119,99	160,92
2003	61,09	281,51	154,40	307,24	406,75	609,51	170,28	176,88
2004	79,50	373,73	193,22	338,78	564,28	948,80	256,49	200,68
2005	83,40	407,92	210,49	349,44	653,91	786,13	286,91	211,96
2006	114,61	526,91	214,97	356,34	909,59	972,10	408,10	195,73
2007	139,94	698,09	234,39	326,66	1.083,99	1.116,00	512,62	241,25
2008	182,01	727,58	272,43	345,81	1.439,64	1.346,38	698,97	254,71
2009	118,19	360,67	240,79	383,57	1.097,87	1.097,28	310,78	170,95
2010	145,47	415,46	357,19	434,09	1.543,04	1.523,00	827,30	272,91
2011	196,91	417,62	371,78	417,57	1.756,52	1.466,36	1.151,87	248,22

2012	200,83	314,44	337,61	433,63	1.607,26	1.403,99	695,82	201,14
2013	176,58	233,43	334,96	451,98	1.506,96	1.283,94	678,46	244,49
2014	179,37	214,32	350,31	440,96	1.438,05	1.285,15	534,30	252,69
2015	140,40	122,31	338,67	433,93	957,77	870,64	372,26	227,91
2016	116,15	93,15	279,37	388,58	740,83	700,47	347,82	241,28
2017	118,20	86,63	178,71	241,23	841,24	774,11	433,11	232,60
2018	128,12	101,12	176,96	209,74	888,16	739,63	375,61	232,68
2019	126,88	112,37	188,06	282,71	850,26	703,48	364,42	232,26
Var. %	1,17	-74,70	24,15	-1,43	-3,08	-26,45	145,65	100,60

Fonte: MAPA (2020).

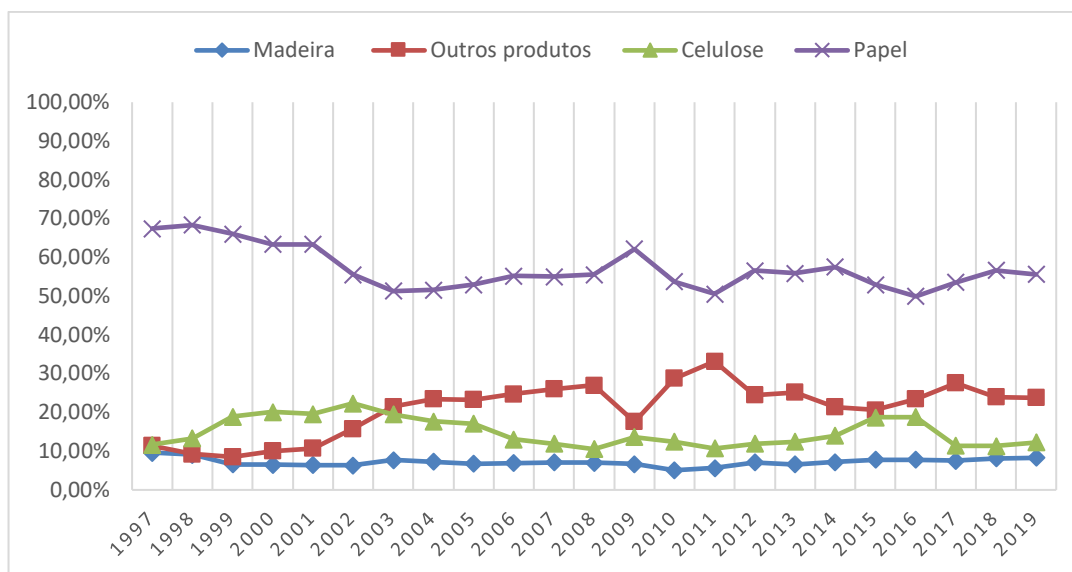
Por sua vez, o grupo Papel teve grande importância na importação, entre 2007 e 2014, com pico, em valor monetário, em 2011. Nos outros dois grupos, Madeira e Celulose, as importações se revelaram de pequena monta em todo o período.

Comparando exportação e importação dos quatro grupos observa-se que Madeira e Celulose têm exportação bem acima da importação, Papel acima e com tendência a crescimento e em Outros Produtos o saldo é negativo e também com tendência de crescimento.

Pelo Gráfico 4, o grupo que teve maior participação nas importações em todos os anos foi o Papel, iniciando com 67,35%, em 1997, e finalizando com 55,59%, em 2019. O grupo Outros Produtos tendeu a aumentar sua participação nas importações, passando, desde 2003, a ocupar o segundo lugar nas importações de Produtos Florestais. Os grupos Madeira e Celulose foram os que registraram menores participações nas importações.

Pelo lado das exportações, a substituição da importância da madeira pela da celulose indica agregação de valor à exportação. Esta poderia ser ainda maior se a importância da exportação de papel crescesse. Nas importações, os produtos mais processados, celulose e papel, perderam importância durante o século XXI e aumentou a importância da importação de outros produtos, especificamente borracha natural. Em suma, não fica caracterizada nesta cadeia o fenômeno de reprimarização da economia.

Gráfico 4 – Participação dos grupos de produtos no valor da importação de produtos florestais, Brasil, 1997 a 2019.



Fonte: MAPA (2020).

5.4. BOVINOCULTURA

Conforme Tabela 9, a exportação de produtos da cadeia da bovinocultura cresceu 270,7% em todo o período, saindo de R\$ 10.422,28 milhões, em 1997, para R\$ 38.630,51 milhões, em 2019. O oposto ocorreu com a importação, que em 1997 teve R\$ 1.957,75 milhões e, em 2019, R\$ 1.730,96 milhões, decréscimo de -11,6%. Por isto no período, o saldo comercial cresceu de mais de quatro vezes.

Tabela 9 - Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Bovinocultura, Brasil, 1997 a 2019.

Ano	Exportação		Importação		Saldo Comercial	
	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.
1997	10.422,28	-	1.957,75	-	8.464,52	-
1998	10.625,77	2,0	1.739,90	-11,1	8.885,86	5,0
1999	15.764,34	48,4	1.651,40	-5,1	14.112,94	58,8
2000	17.088,60	8,4	1.929,24	16,8	15.159,36	7,4
2001	23.242,09	36,0	1.789,16	-7,3	21.452,92	41,5
2002	26.375,57	13,5	1.655,47	-7,5	24.720,10	15,2
2003	29.626,38	12,3	1.492,80	-9,8	28.133,58	13,8
2004	34.852,78	17,6	1.417,60	-5,0	33.435,19	18,8
2005	31.173,99	-10,6	1.178,38	-16,9	29.995,60	-10,3
2006	32.781,12	5,2	1.119,13	-5,0	31.662,00	5,6
2007	31.101,21	-5,1	1.136,36	1,5	29.964,86	-5,4
2008	29.680,17	-4,6	1.320,08	16,2	28.360,09	-5,4
2009	23.451,93	-21,0	1.087,19	-17,6	22.364,75	-21,1
2010	23.797,21	1,5	1.058,92	-2,6	22.738,29	1,7

2011	22.528,41	-5,3	1.251,54	18,2	21.276,87	-6,4
2012	26.188,82	16,2	1.491,37	19,2	24.697,45	16,1
2013	31.773,82	21,3	1.522,26	2,1	30.251,57	22,5
2014	34.891,37	9,8	1.950,94	28,2	32.940,43	8,9
2015	34.779,59	-0,3	1.799,68	-7,8	32.979,91	0,1
2016	31.864,67	-8,4	1.633,20	-9,3	30.231,47	-8,3
2017	30.517,41	-4,2	1.672,01	2,4	28.845,40	-4,6
2018	34.765,89	13,9	1.639,02	-2,0	33.126,87	14,8
2019	38.630,51	11,1	1.730,96	5,6	36.899,55	11,4
Período	270,7		-11,6		335,9	

Fonte: MAPA (2020).

Os produtos da cadeia da bovinocultura foram divididos em quatro grupos: a) Animais vivos, englobando “Bovinos vivos”, “Bovinos para reprodução”. “Bufálos para reprodução” entre outros; b) Carnes, com carcaças, meias carcaças, quartos dianteiros e traseiros, carnes desossadas ou não, órgãos e miudezas de bovinos; c) Peleteria, incluindo couros e peles em bruto e artigos produzidas dos mesmos e; d) Outros Produtos, como “Sêmen bovino”, “Sebo bovino em bruto ou fundido”, “Gorduras” e “Gelatina de osseína”. Analisou-se apenas a composição da exportação.

Conforme Tabela 10, o grupo que apresentou menor dinamismo foi Peleteria, com crescimento na quantidade física de 69,63% e decréscimo de -28,38%, em dólares. O grupo de carnes fechou o período apresentando o maior valor monetário recebido entre os grupos da cadeia, com US\$ 7.629,21 milhões pelas 1.86453 milhões de toneladas exportadas, com taxa de crescimento de 1.553,42%. O grupo de Outros Produtos aumentou suas exportações em mais de cinco vezes, em termos monetários. Contudo, sua porcentagem de participação nas exportações é baixa, não passando de 4% em todo o período. O grupo de animais vivos, foi o que apresentou a maior taxa de crescimento, tanto em valor monetário quanto em volume físico exportado, com 74.934,83% e 30.639,91% de crescimento respectivamente. Em grande parte, isto se explica pelos valores iniciais serem muito baixos.

Tabela 10 – Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos da bovinocultura, Brasil, 1997 a 2019.

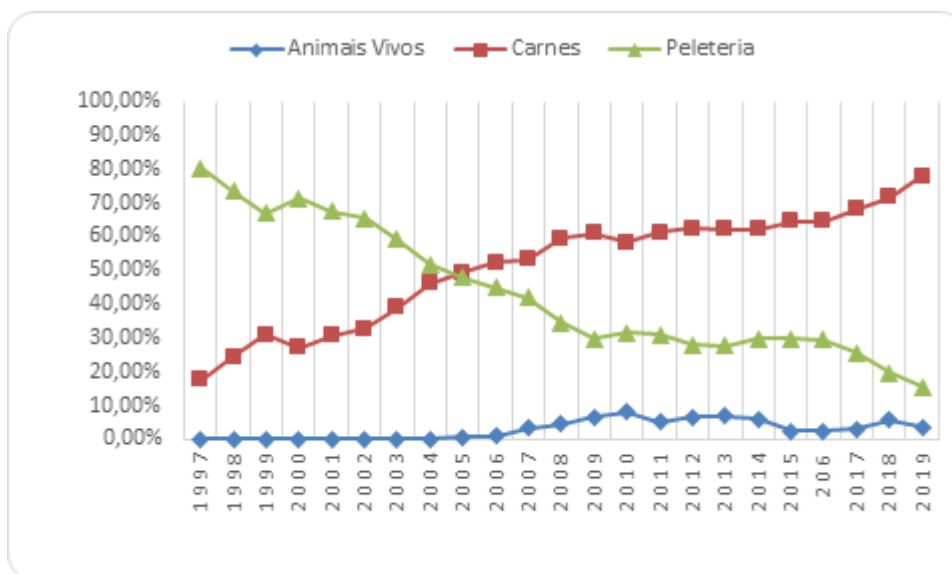
Ano	Animais vivos		Carne		Peleteria		Outros Produtos	
	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso
1997	0,47	0,58	461,42	158,16	2.113,81	287,70	58,50	23,46
1998	1,10	0,93	615,04	211,71	1.863,49	296,04	54,78	14,26

1999	1,01	1,26	813,99	322,84	1.756,61	282,02	48,62	14,02
2000	0,23	0,12	812,10	355,60	2.126,59	293,11	45,48	15,00
2001	0,21	0,12	1.045,59	539,76	2.297,01	314,42	59,97	40,69
2002	0,68	0,37	1.142,43	634,46	2.284,65	334,82	68,32	33,65
2003	1,35	1,39	1.587,94	851,58	2.408,80	351,24	74,98	28,25
2004	7,34	6,94	2.506,38	1.172,24	2.807,44	402,67	103,24	71,42
2005	31,53	42,41	3.051,38	1.351,61	2.953,87	397,80	124,76	72,95
2006	72,87	95,38	3.908,48	1.516,64	3.371,14	476,19	126,03	43,39
2007	265,24	201,79	4.404,89	1.606,20	3.476,74	448,91	133,77	52,13
2008	389,87	197,24	5.289,87	1.375,07	3.070,77	337,26	135,05	32,79
2009	443,52	259,08	4.110,90	1.242,72	1.995,82	342,36	175,49	38,45
2010	658,66	324,22	4.780,06	1.227,21	2.590,07	376,46	174,44	46,49
2011	444,85	195,05	5.339,23	1.093,75	2.696,36	368,32	211,19	42,25
2012	593,86	243,21	5.724,48	1.238,15	2.562,25	412,52	282,01	44,71
2013	724,00	325,39	6.647,21	1.501,40	2.961,21	504,14	332,91	58,71
2014	680,93	304,47	7.087,34	1.532,65	3.385,30	505,86	271,25	42,96
2015	210,60	99,55	5.756,09	1.352,97	2.659,43	468,89	276,85	45,77
2016	208,86	103,08	5.338,48	1.348,84	2.445,07	462,37	283,48	53,62
2017	276,04	130,31	6.069,26	1.476,99	2.297,15	467,35	279,50	64,21
2018	530,28	230,90	6.542,81	1.640,87	1.795,17	459,98	253,99	55,63
2019	354,88	178,85	7.629,21	1.864,53	1.513,81	488,04	295,67	71,80
Var. %	74.934,83	30.639,91	1.553,42	1.078,86	-28,38	69,63	405,45	206,06

Fonte: MAPA (2020).

Mesmo com taxa de crescimento altíssima, o grupo de Animais Vivos apresenta baixa participação nas exportações da cadeia, com sua maior participação sendo alcançada em 2010, com 8,03%, conforme Gráfico 5. O grupo Peleteria, em 1997, era o principal grupo exportado da cadeia, com 80,24% de participação, porém, essa porcentagem começou a decrescer gradativamente logo no ano seguinte, chegando, em 2019, com 15,46% das participações. O contrário aconteceu com o grupo Carnes, que iniciou o período com 17,52% de participação, o que foi se elevando gradativamente, passando o grupo peleteria no ano de 2005 e alcançando 77,90%, em 2019.

Gráfico 5 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação da Bovinocultura, Brasil, 1997 a 2019.



Fonte: MAPA (2020).

5.5.AVICULTURA

A importação de produtos de avicultura de corte cresceu mais que cinco vezes em todo o período, de R\$ 6,95 milhões, em 1997, para R\$ 45 milhões, em 2019; a exportação cresceu quase que no mesmo ritmo das importações, com taxa de 691,62%, porém seus valores monetários foram extremamente maiores, ocasionando balança comercial superavitária, com taxa de crescimento de 691,91%. Vide Tabela 11.

Tabela 11 - Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Avicultura de Corte, Brasil, 1997 a 2019.

Ano	Exportação		Importação		Saldo Comercial	
	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.
1997	3.474,20		6,95		3.467,26	
1998	3.154,10	-9,21	7,74	11,41	3.146,36	-9,25
1999	5.357,11	69,85	2,37	-69,35	5.354,73	70,19
2000	4.743,59	-11,45	2,01	-15,05	4.741,57	-11,45
2001	9.103,58	91,91	1,21	-39,91	9.102,37	91,97
2002	10.496,96	15,31	6,09	402,83	10.490,88	15,25
2003	13.076,34	24,57	3,24	-46,82	13.073,10	24,61
2004	16.655,56	27,37	1,67	-48,57	16.653,90	27,39
2005	17.753,01	6,59	2,48	48,74	17.750,54	6,58
2006	14.025,55	-21,00	2,52	1,84	14.023,03	-21,00

2007	17.341,21	23,64	4,80	90,23	17.336,41	23,63
2008	21.176,97	22,12	4,82	0,47	21.172,14	22,13
2009	18.468,79	-12,79	4,61	-4,45	18.464,18	-12,79
2010	18.126,72	-1,85	8,57	86,05	18.118,15	-1,87
2011	19.739,69	8,90	18,24	112,86	19.721,45	8,85
2012	20.584,53	4,28	16,62	-8,90	20.567,92	4,29
2013	22.184,16	7,77	28,89	73,85	22.155,27	7,72
2014	22.477,37	1,32	34,40	19,08	22.442,97	1,30
2015	25.891,79	15,19	36,90	7,27	25.854,89	15,20
2016	24.488,20	-5,42	23,41	-36,56	24.464,79	-5,38
2017	23.293,55	-4,88	28,46	21,56	23.265,09	-4,90
2018	23.970,54	2,91	41,30	45,12	23.929,24	2,85
2019	27.502,52	14,73	45,00	8,96	27.457,52	14,74
Período		691,62		547,89		691,91

Fonte: MAPA (2020).

Os itens exportados foram classificados em três grupos: a) Carne in natura; b) Carne industrializada e; c) Outros Produtos, como o produto “Gordura de aves”.

Na Tabela 12 é apresentada a evolução da exportação, em milhões de dólares, e em mil toneladas, de cada um dos grupos considerados. O grupo de outros produtos, na maioria dos anos não apresentou exportações. O grupo Carne industrializada apresentou alta taxa de crescimento, de 3.480,30% em dólar, e de 4.748,76% em toneladas, porém seu valor continua muito abaixo dos valores apresentados pelo grupo de Carne in natura que apresentou taxas de crescimento menores.

Tabela 12 – Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos de avicultura de corte, Brasil, 1997 a 2019.

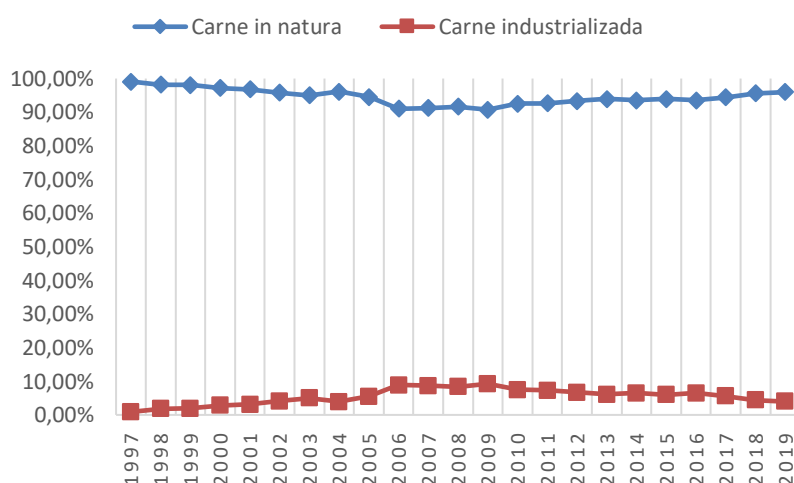
Ano	Carne in natura		Carne industrializada		Outros produtos	
	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso
1997	870,30	645,07	7,79	1,97	0,00	0,00
1998	738,55	612,22	13,75	4,04	0,00	0,00
1999	872,99	768,65	17,38	5,81	0,05	0,14
2000	805,31	906,08	23,01	9,35	0,11	0,34
2001	1.290,66	1.248,19	42,08	16,57	0,09	0,27
2002	1.333,65	1.598,83	57,66	24,92	0,07	0,21
2003	1.708,53	1.920,79	89,21	37,73	0,02	0,03
2004	2.491,24	2.421,66	100,87	45,14	0,12	0,18

2005	3.316,80	2.759,63	192,04	86,87	0,04	0,10
2006	2.914,91	2.581,40	284,80	128,44	0,00	0,03
2007	4.214,92	3.005,16	402,15	155,34	0,00	0,00
2008	5.809,00	3.260,29	530,89	168,62	0,00	0,00
2009	4.807,13	3.259,34	489,49	172,16	0,00	0,00
2010	5.783,77	3.457,30	464,76	168,72	0,00	0,00
2011	7.058,29	3.567,47	557,43	179,01	0,00	0,00
2012	6.723,07	3.555,22	478,76	180,33	0,00	0,00
2013	6.994,83	3.547,82	451,59	160,67	0,00	0,00
2014	6.884,86	3.644,81	475,13	157,70	0,00	0,00
2015	6.228,16	3.886,61	399,69	157,41	0,00	0,00
2016	5.945,90	3.959,23	414,17	166,17	0,00	0,00
2017	6.427,90	3.944,21	382,12	144,83	0,00	0,00
2018	6.014,31	3.875,62	275,34	100,01	0,00	0,00
2019	6.693,50	4.079,25	278,92	95,46	0,00	0,00
Var. %	669,10	532,37	3.480,30	4.748,76	0,00	0,00

Fonte: MAPA (2020).

Mesmo com taxa de crescimento menor em relação a de carne industrializada, o grupo de carne in natura apresentou a maior porcentagem de participação nas exportações, na casa dos 90% em todo o período, iniciando com 99% e o finalizando com 96%, restando ao grupo de carne industrializada uma participação diminuta, menor que 10% em todo o período, conforme Gráfico 6. Não se pode dizer que houve desagregação de valor na exportação da cadeia, mas percebe-se que há potencial de aumentar a agregação de valor nos próximos anos. Isto seria possível pela substituição do grupo in natura pela industrializada.

Gráfico 6 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação de avicultura de corte, Brasil, 1997 a 2019.



Fonte: MAPA (2020).

5.6. CAFÉ

A tabela 13 apresenta os valores exportados, importados e o saldo comercial da cadeia do café. A importação da cadeia teve taxa de crescimento substancialmente alta no período, de 2.357,10%, uma vez que em 1997 importou um valor de R\$ 13,12 milhões e em 1997 importou R\$ 322,32 milhões. Por sua vez, a exportação teve taxa de crescimento menor, de apenas 64,66%. Contudo, o valor exportado é ainda muito maior do que o importado, ocasionando uma balança comercial superavitária.

Tabela 13 - Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Café, Brasil, 1997 a 2019.

Ano	Exportação		Importação		Saldo Comercial	
	Valor	TC	Valor	TC	Valor	TC
1997	12.378,98	-	13,12	-	12.365,87	-
1998	10.922,78	-11,76	5,49	-58,11	10.917,28	-11,71
1999	14.791,33	35,42	8,10	47,44	14.783,23	35,41
2000	10.209,16	-30,98	9,51	17,38	10.199,65	-31,01
2001	9.672,07	-5,26	14,49	52,37	9.657,58	-5,31
2002	10.442,67	7,97	16,85	16,31	10.425,82	7,95
2003	11.239,88	7,63	9,61	-42,95	11.230,26	7,72
2004	13.212,64	17,55	10,00	3,98	13.202,64	17,56
2005	14.814,87	12,13	7,68	-23,15	14.807,19	12,15
2006	14.742,66	-0,49	7,76	0,95	14.734,90	-0,49
2007	14.607,93	-0,91	10,00	28,99	14.597,93	-0,93
2008	15.907,18	8,89	28,04	180,28	15.879,14	8,78
2009	14.917,33	-6,22	57,16	103,84	14.860,17	-6,42
2010	16.714,53	12,05	70,34	23,06	16.644,18	12,01
2011	22.631,98	35,40	117,30	66,76	22.514,68	35,27
2012	18.466,75	-18,40	119,46	1,84	18.347,29	-18,51
2013	15.709,65	-14,93	119,61	0,12	15.590,05	-15,03
2014	20.342,19	29,49	183,33	53,28	20.158,86	29,31
2015	24.054,97	18,25	328,46	79,17	23.726,51	17,70
2016	21.067,44	-12,42	235,07	-28,43	20.832,37	-12,20
2017	18.037,25	-14,38	281,34	19,68	17.755,91	-14,77
2018	18.911,01	4,84	263,81	-6,23	18.647,20	5,02

2019	20.382,63	7,78	322,32	22,18	20.060,31	7,58
Período	-	64,66	-	2.357,10	-	62,22

Fonte: MAPA (2020).

Os itens exportados foram classificados em quatro grupos: a) Café não torrado; b) Café torrado; c) Café solúvel e; d) Outros Produtos a incluindo “derivados de café”, “Extratos, essências e concentrados de café” e “Resíduos da indústria”, com baixa porcentagem de participação nas exportações.

Na tabela 14 é apresentada a evolução da exportação de cada grupo. O que apresentou a maior taxa de crescimento foi o Café torrado, crescendo mais de duas vezes, iniciando-o com US\$ 2,73 milhões exportados em 1997 e finalizando com US\$ 9,77 milhões, porém seu valor arrecadado é ainda muito menor que o do Café não torrado, que finalizou 2019 com US\$ 4.575,02 milhões, com taxa de crescimento de 66,79%.

Tabela 14 – Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos do, Brasil, 1997 a 2019.

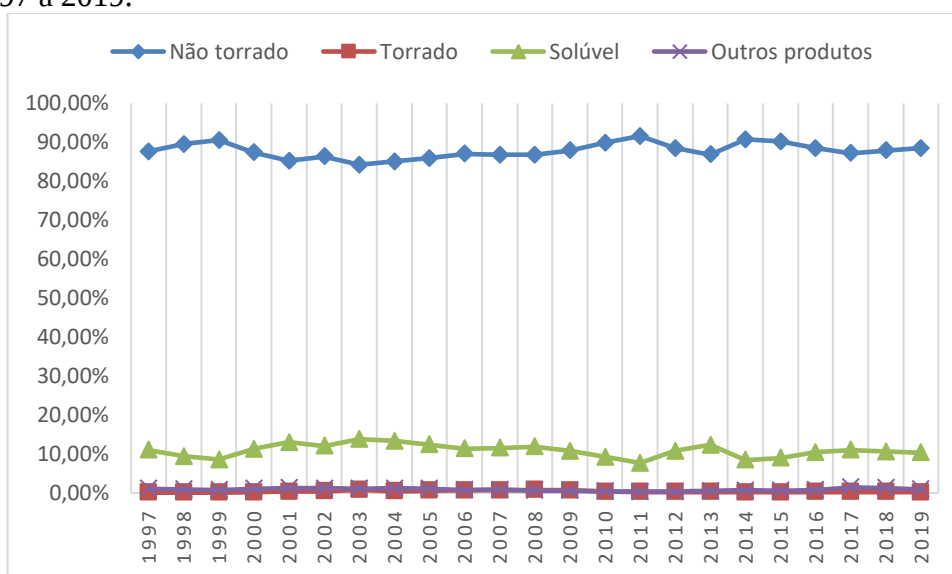
Ano	Café não torrado		Café torrado		Café solúvel		Outros produtos	
	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso
1997	2.743,05	867,84	2,73	0,59	346,59	51,65	36,37	11,64
1998	2.331,55	995,43	2,56	0,50	245,66	37,55	25,50	6,92
1999	2.226,10	1.268,98	2,06	0,60	210,48	43,80	19,86	7,74
2000	1.558,45	966,28	3,08	1,13	201,21	45,43	20,22	8,05
2001	1.207,52	1.252,21	4,77	3,53	184,89	55,31	18,88	8,74
2002	1.195,18	1.550,92	5,72	5,11	166,75	56,36	16,52	7,48
2003	1.301,97	1.368,30	12,81	5,45	213,65	63,21	16,85	6,92
2004	1.748,66	1.409,53	8,34	2,65	275,09	71,23	24,29	9,16
2005	2.515,92	1.351,71	16,93	4,27	362,50	77,03	32,81	10,98
2006	2.927,95	1.475,39	24,56	5,39	383,00	67,81	27,80	7,83
2007	3.376,22	1.487,34	26,70	5,50	451,00	71,47	35,42	8,99
2008	4.130,87	1.566,63	35,63	6,66	565,63	74,73	30,10	8,81
2009	3.760,87	1.639,04	29,57	5,42	460,50	64,79	27,16	5,60
2010	5.179,20	1.790,04	22,07	4,26	534,97	77,14	25,49	4,95
2011	7.998,97	1.790,87	25,98	3,60	674,39	80,06	32,24	4,98
2012	5.720,12	1.503,34	18,36	2,23	698,37	79,95	24,04	3,79
2013	4.580,02	1.698,16	15,86	2,01	649,43	79,75	27,85	4,48
2014	6.040,31	1.986,27	11,60	1,59	563,08	74,85	45,85	8,08

2015	5.554,82	2.004,81	10,08	1,68	555,91	78,05	36,84	6,56
2016	4.842,74	1.823,79	12,78	2,13	574,30	84,29	41,80	7,97
2017	4.600,24	1.647,81	13,18	1,78	583,98	74,38	75,91	13,40
2018	4.360,01	1.827,01	11,67	1,85	526,63	76,20	63,77	12,79
2019	4.575,02	2.230,87	9,77	1,94	535,07	88,25	47,53	10,83
Var. %	66,79	157,06	257,24	227,89	54,38	70,88	30,66	-6,96

Fonte: MAPA (2020).

Apesar da grande taxa de crescimento do café torrado sua porcentagem de participação é muito baixa, não passando de 1% em todo o período, assim como o grupo de Outros produtos. O café solúvel se mostrou mais significativo nas exportações, se mantendo estável durante os anos, tendo participação em 1997 de 11,08% e de 10,35% em 2019. O grande destaque das exportações de café se deu ao Café não torrado, possuindo participação entre 80 a 90%, em todo o período. Vide Gráfico 7.

Gráfico 7 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação da cadeia do Café, Brasil, 1997 a 2019.



Fonte: MAPA (2020).

Ou seja, não houve, praticamente, alteração na composição das exportações da cadeia cafeeira, que continuou baseada, de forma predominante, no produto agrícola sem processamento.

5.7. FUMO E DERIVADOS

A tabela 15 apresenta os valores de exportação, importação e saldo comercial da cadeia de fumo e derivados. A importação de fumo e seus derivados apresentou taxa de crescimento negativa, de -41,80%, partindo de um valor de US\$ 347,28 milhões, em 1997, e finalizando com US\$ 202,12 milhões, em 2019. Já a exportação teve taxa de crescimento de 28,35%, apresentando valores bem maiores que os da importação.

Os itens da cadeia foram classificados em três grupos: a) Fumo não manufaturado; b) Cigarros e Charutos e; c) Fumo manufaturado. Pela tabela 16 percebe-se que o grupo de cigarros e charutos teve taxa de crescimento negativa em valor monetário e volume exportado, de -96,43% e -97,51%, respectivamente. Em contrapartida, o grupo de manufaturado foi o que apresentou a maior taxa de crescimento, com 1.253,14%, contudo seus valores ainda são bem menores que os do grupo de não manufaturado.

Tabela 15 - Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Fumo e derivados, Brasil, 1997 a 2019.

Ano	Exportação		Importação		Saldo Comercial	
	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.
1997	6.585,90	-	347,28	-	6.238,62	-
1998	6.520,28	-1,00	315,19	-9,24	6.205,09	-0,54
1999	5.782,78	-11,31	67,36	-78,63	5.715,42	-7,89
2000	4.817,24	-16,70	90,69	34,63	4.726,55	-17,30
2001	6.449,21	33,88	157,18	73,31	6.292,03	33,12
2002	7.603,84	17,90	176,69	12,41	7.427,15	18,04
2003	7.930,21	4,29	162,66	-7,94	7.767,55	4,58
2004	9.160,52	15,51	112,57	-30,79	9.047,95	16,48
2005	8.636,06	-5,73	95,09	-15,53	8.540,98	-5,60
2006	7.674,57	-11,13	117,72	23,81	7.556,85	-11,52
2007	8.491,54	10,65	150,62	27,95	8.340,91	10,38
2008	9.187,46	8,20	164,69	9,34	9.022,77	8,17
2009	10.620,97	15,60	234,40	42,33	10.386,56	15,12
2010	8.013,16	-24,55	213,05	-9,11	7.800,11	-24,90
2011	7.599,96	-5,16	99,26	-53,41	7.500,70	-3,84
2012	9.306,61	22,46	118,48	19,36	9.188,13	22,50
2013	9.745,09	4,71	154,54	30,44	9.590,55	4,38
2014	7.637,03	-21,63	147,96	-4,26	7.489,07	-21,91

2015	8.539,20	11,81	183,56	24,07	8.355,64	11,57
2016	8.175,60	-4,26	279,14	52,07	7.896,46	-5,50
2017	7.156,20	-12,47	208,32	-25,37	6.947,88	-12,01
2018	7.576,84	5,88	226,97	8,95	7.349,87	5,79
2019	8.453,18	11,57	202,12	-10,95	8.251,06	12,26
Período		28,35		-41,80		32,26

Fonte: MAPA (2020).

Tabela 16– Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos de Fumo e derivados, Brasil, 1997 a 2019.

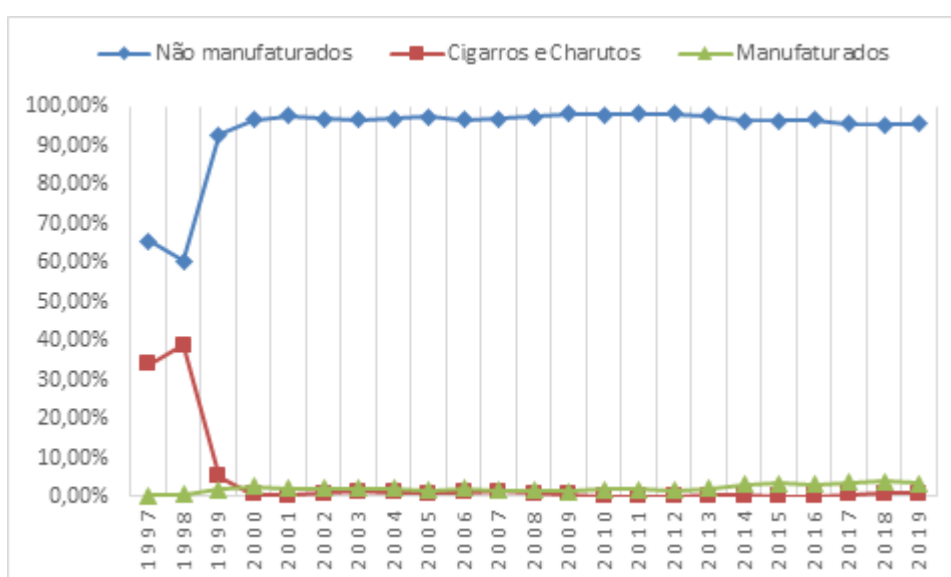
Ano	Não manufaturado		Cigarros e charutos		Manufaturado	
	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso
1997	1.091,39	318,98	567,58	87,35	5,59	3,49
1998	939,89	300,56	604,73	86,86	10,57	5,10
1999	892,69	343,03	49,61	8,06	18,87	7,65
2000	812,87	341,46	6,01	0,84	22,42	10,68
2001	921,14	435,40	3,02	0,51	20,05	7,93
2002	977,42	464,66	9,51	1,66	20,95	7,95
2003	1.052,46	465,98	15,06	2,62	22,73	8,95
2004	1.380,42	579,31	16,42	2,91	28,88	10,57
2005	1.660,55	616,43	16,29	2,83	30,08	10,37
2006	1.693,26	565,71	21,43	3,89	36,14	11,46
2007	2.192,56	693,91	33,08	5,24	35,22	10,58
2008	2.681,68	677,21	27,20	3,71	41,63	10,02
2009	2.991,75	661,72	14,79	1,96	39,43	11,03
2010	2.706,73	493,01	4,18	0,42	51,33	12,20
2011	2.875,55	533,24	4,17	0,38	52,41	11,65
2012	3.196,39	624,52	3,93	0,34	55,76	12,74
2013	3.191,45	609,58	8,55	0,78	71,08	16,52
2014	2.412,88	460,33	6,60	0,37	81,18	15,33
2015	2.109,17	497,94	4,16	0,27	72,57	18,49
2016	2.054,09	466,30	3,95	0,23	65,33	16,52
2017	2.000,44	442,92	13,68	1,67	78,04	17,63
2018	1.894,37	440,75	16,17	1,83	77,56	18,42
2019	2.047,11	530,17	20,27	2,17	75,66	19,47
Var. %	87,57	66,21	-96,43	-97,51	1.253,14	457,09

Fonte: MAPA (2020).

Mesmo com a alta taxa de crescimento, o grupo de manufaturados não apresentou aumento significativo nas participações da exportação, não passando de 5% em todo o período, conforme Gráfico 8. O grupo de Cigarro e Charutos iniciou com 34,10% de participação,

aumentando no ano seguinte e caindo drasticamente no ano de 1999 e se mantendo baixa até 2019, com apenas 0,95%, se tornando o grupo com menor participação. O principal grupo da cadeia foi o de não manufaturado, que iniciou o período com 65,57% de participação e aumentou seu valor no ano de 1999 para 92,88% se mantendo no mesmo patamar até o fim do período, finalizando 2019 com 95,52% de participação.

Gráfico 8 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação de fumo e derivados, Brasil, 1997 a 2019.



Fonte: MAPA (2020).

5.8.MILHO

Observa-se na Tabela 17 que a exportação do milho teve grande aumento em suas exportações, de R\$ 279,57 milhões, em 1997, para R\$ 29.084,33 milhões, em 2019, com taxa de crescimento de 10.303,20%. A importação teve taxa de crescimento bem menor, de 173,44%, com valores monetários bem inferiores aos da exportação. O saldo comercial da cadeia também apresentou alta taxa de crescimento, de 84.902,64%.

Tabela 17 - Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Milho, Brasil, 1997 a 2019.

Ano	Exportação		Importação		Saldo Comercial	
	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.

1997	279,57	-	312,86	-	-33,29	-
1998	120,37	-56,94	837,23	167,61	-716,86	-2.053,53
1999	109,17	-9,30	545,32	-34,87	-436,15	39,16
2000	104,66	-4,14	1.037,71	90,29	-933,05	-113,93
2001	3.498,84	3.243,20	433,72	-58,20	3.065,12	428,50
2002	2.127,60	-39,19	271,48	-37,41	1.856,12	-39,44
2003	2.926,07	37,53	528,95	94,84	2.397,12	29,15
2004	4.100,14	40,12	231,31	-56,27	3.868,82	61,39
2005	865,08	-78,90	304,54	31,66	560,54	-85,51
2006	2.347,95	171,41	362,09	18,90	1.985,86	254,28
2007	7.477,49	218,47	509,69	40,76	6.967,80	250,87
2008	5.028,27	-32,75	517,95	1,62	4.510,32	-35,27
2009	4.848,21	-3,58	592,28	14,35	4.255,93	-5,64
2010	6.674,03	37,66	257,52	-56,52	6.416,51	50,77
2011	7.357,99	10,25	398,98	54,93	6.959,01	8,45
2012	15.697,06	113,33	536,88	34,56	15.160,17	117,85
2013	19.078,67	21,54	543,77	1,28	18.534,89	22,26
2014	12.260,04	-35,74	413,03	-24,04	11.847,01	-36,08
2015	19.949,04	62,72	207,21	-49,83	19.741,83	66,64
2016	14.800,99	-25,81	1.944,37	838,34	12.856,62	-34,88
2017	16.274,64	9,96	757,83	-61,02	15.516,80	20,69
2018	15.551,48	-4,44	610,59	-19,43	14.940,88	-3,71
2019	29.084,33	87,02	855,47	40,10	28.228,86	88,94
Período	-	10.303,20	-	173,44	-	84.902,64

Fonte: MAPA (2020).

A cadeia foi classificada em três grupos, sendo eles: a) Grão; b) Farelo e óleo e; d) Outros Produtos, com itens como “Milho doce” e “Milho para Semeadura”. A tabela 18 mostra que o grupo “Outros produtos” apresentou taxas de crescimento elevada no período, de 615,05% para valor monetário e de 393,72% para volume físico exportado; porém seus valores estão bem abaixo dos valores de Grãos, o mesmo que acontece com Farelo e óleo. No grupo de grãos, houve crescimento expressivo da exportação, entre 1997 e 2019, de 17.371,43% em termos monetários e 12.168,94% em toneladas.

Tabela 18 – Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos do Milho, Brasil, 1997 a 2019.

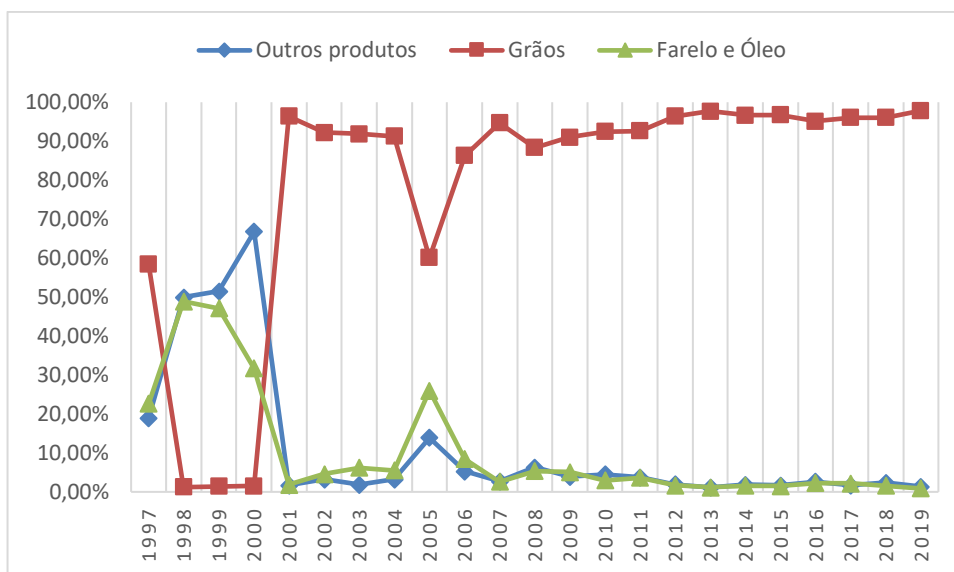
Ano	Grão		Farelo e óleo		Outros produtos	
	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso
1997	41,29	348,23	15,96	98,02	13,41	12,10

1998	0,35	0,85	14,04	99,27	14,33	8,74
1999	0,26	0,86	8,55	55,96	9,34	9,19
2000	0,28	0,44	5,80	21,73	12,20	9,92
2001	493,85	5.628,15	9,63	73,90	8,77	10,35
2002	259,99	2.739,53	12,87	60,64	9,15	10,02
2003	369,71	3.561,94	25,13	76,24	7,44	7,97
2004	582,19	5.019,78	35,45	93,29	20,50	21,20
2005	102,76	1.060,58	44,41	121,63	23,81	19,70
2006	462,31	3.932,74	45,37	132,32	27,97	21,67
2007	1.885,88	10.923,80	51,65	125,43	53,34	57,51
2008	1.329,62	6.391,90	81,09	127,45	94,62	74,50
2009	1.265,50	7.783,58	70,88	152,30	54,02	27,76
2010	2.127,56	10.750,22	68,88	137,26	104,19	94,19
2011	2.629,82	9.465,24	104,04	150,72	104,91	40,28
2012	5.294,22	19.789,40	90,84	138,90	106,82	37,91
2013	6.256,25	26.622,86	74,49	144,76	73,28	29,08
2014	3.878,47	20.631,92	63,63	164,69	72,32	48,30
2015	4.941,35	28.910,62	78,64	210,05	86,62	46,64
2016	3.657,41	21.847,89	86,17	194,72	100,54	53,11
2017	4.571,13	29.256,03	105,40	274,76	81,47	40,50
2018	3.919,62	22.944,36	66,20	178,85	94,75	48,62
2019	7.213,13	42.723,54	64,41	191,78	95,90	59,72
Var. %	17.371,43	12.168,94	303,45	95,65	615,05	393,72

Fonte: MAPA (2020).

Conforme Gráfico 9, o grupo de Farelo e óleo iniciou o período com 22,59% de participação, mostrando um aumento no ano seguinte, porém veio a diminuir seu valor para 1,88% em 2001, continuando no mesmo patamar até o fim do período, com exceção de 2005, em que representou 25,97% das exportações.

Gráfico 9 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação do Milho, Brasil, 1997 a 2019.



Fonte: MAPA (2020).

O grupo de Outros produtos apresentou em 1997, 18,98% de participação, aumentando esse valor nos anos seguintes até 2000, que foi seu pico de participação com 66,76%, regredindo seu valor em 2001 para 1,71% se mantendo no mesmo nível até 2019, também com exceção do ano de 2005 o qual representou 13,93% das exportações. O destaque se deu ao grupo de Grãos que iniciou com 58,43% das exportações, teve queda drástica no triênio 1998-2000, chegando a valores abaixo de 2%, voltando a crescer logo no ano seguinte, alcançando 96,41% de participação e se mantendo assim em quase todo o período, fechando-o com 97,83%, exceto no ano de 2005, que apresentou uma queda, chegando a 60,10%. Na cadeia do milho observa que há potencial para aumentar a importância de produtos mais processados, desde que haja demanda no mercado internacional.

5.9. LARANJA E CITRUS

Na tabela 19 observa-se que a exportação de Laranja e Citrus cresceu mais de 100% no período, o mesmo ocorreu com o saldo comercial. A importação apresentou a maior taxa de crescimento, crescendo mais de cinco vezes, saindo de US\$ 29,45 milhões, em 1997, para US\$

202,73 milhões, em 2019, porém os valores monetários da importação são muito inferiores aos da exportação.

Tabela 19 - Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Laranja e citrus, Brasil, 1997 a 2019.

Ano	Exportação		Importação		Saldo Comercial	
	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.
1997	4.281,49	-	29,45	-	4.252,04	-
1998	5.515,90	28,83	45,86	55,69	5.470,05	28,65
1999	7.795,39	41,33	45,44	-0,91	7.749,96	41,68
2000	6.252,87	-19,79	47,28	4,07	6.205,59	-19,93
2001	6.298,37	0,73	127,10	168,79	6.171,27	-0,55
2002	8.438,25	33,98	64,79	-49,02	8.373,45	35,68
2003	9.503,64	12,63	68,00	4,95	9.435,64	12,69
2004	7.562,44	-20,43	82,51	21,33	7.479,93	-20,73
2005	6.196,51	-18,06	79,16	-4,05	6.117,35	-18,22
2006	7.047,80	13,74	83,87	5,94	6.963,93	13,84
2007	9.073,13	28,74	79,02	-5,78	8.994,11	29,15
2008	7.291,55	-19,64	65,75	-16,79	7.225,80	-19,66
2009	6.143,77	-15,74	57,80	-12,09	6.085,97	-15,77
2010	5.685,08	-7,47	84,28	45,80	5.600,81	-7,97
2011	6.770,68	19,10	108,18	28,36	6.662,50	18,96
2012	7.133,91	5,36	98,49	-8,95	7.035,41	5,60
2013	7.494,42	5,05	128,08	30,04	7.366,34	4,70
2014	6.861,80	-8,44	150,64	17,61	6.711,16	-8,89
2015	8.364,44	21,90	164,74	9,36	8.199,70	22,18
2016	8.713,02	4,17	176,51	7,14	8.536,51	4,11
2017	8.038,03	-7,75	161,14	-8,71	7.876,88	-7,73
2018	9.782,06	21,70	187,34	16,26	9.594,71	21,81
2019	8.817,72	-9,86	202,73	8,21	8.614,99	-10,21
Período	-	105,95	-	588,29	-	102,61

Fonte: MAPA (2020).

Os itens exportados foram classificados em três grupos: a) Suco de laranja; b) Frutas e; c) Outros Produtos, englobando “Óleos essenciais”, “Doces e geleias”, “Farinhas de frutas cítricas”, “Sucos de outras frutas cítricas”, entre outros. Na Tabela 21 observa-se que Outros Produtos apresentaram crescimento expressivo da exportação, de 398,43% em termos monetários e 57,39% em toneladas. O grupo de Frutas apresentou alto crescimento em termos

monetários, de 222,83%, mas de apenas 5,02% em volume físico. O grupo de Suco de laranja apresentou a menor taxa de crescimento, de 89,69% em milhões de dólares e 89,71% em toneladas.

Tabela 20 – Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos de laranja e citrus, Brasil, 1997 a 2019.

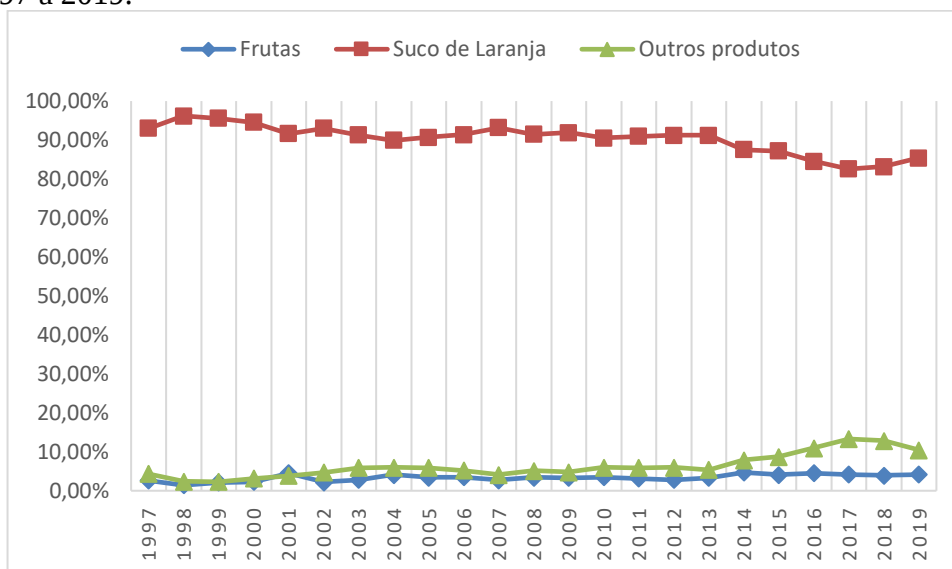
Ano	Suco de Laranja		Frutas		Outros produtos	
	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso
1997	1.006,54	1.186,35	28,81	102,82	46,78	35,27
1998	1.265,75	1.235,42	18,49	73,62	31,40	32,15
1999	1.238,11	1.175,84	28,00	116,45	29,58	37,64
2000	1.032,51	1.275,68	24,87	95,98	34,64	31,36
2001	844,96	1.347,95	41,81	171,39	35,35	37,61
2002	1.040,62	1.328,92	25,08	81,79	52,79	31,24
2003	1.192,98	1.590,25	36,89	120,81	76,71	33,35
2004	1.057,98	1.583,91	48,43	145,50	70,59	41,72
2005	1.110,51	1.777,60	42,04	87,43	72,19	40,42
2006	1.468,57	1.771,73	55,74	112,36	83,53	42,26
2007	2.251,31	2.065,97	65,51	114,12	98,88	48,75
2008	1.996,82	2.053,90	74,27	105,38	111,83	52,29
2009	1.618,93	2.068,92	58,68	96,93	84,34	42,55
2010	1.774,45	1.977,46	68,84	102,88	116,44	40,65
2011	2.375,97	2.006,43	83,14	100,74	153,07	34,65
2012	2.276,10	1.894,91	70,21	96,66	149,60	37,09
2013	2.295,18	2.120,31	84,58	102,43	135,85	38,85
2014	1.965,95	1.928,13	105,13	112,46	175,74	41,63
2015	1.867,26	2.007,85	88,02	120,67	185,87	43,11
2016	1.913,72	2.314,68	102,28	126,89	246,95	46,93
2017	1.940,18	2.149,74	97,53	125,12	312,26	49,25
2018	2.135,67	2.460,10	101,48	124,10	329,57	56,91
2019	1.909,30	2.250,60	93,02	107,98	233,14	55,51
Var. %	89,69	89,71	222,83	5,02	398,43	57,39

Fonte: MAPA (2020).

Contudo, mesmo com a menor taxa de crescimento em valor monetário, o grupo de Suco de laranja é o que mais representa as exportações da cadeia, com participação de 93,01% em 1997 e se mantendo sem grandes oscilações até o fim do período, fechando-o com 85,41% das exportações. Os grupos de Frutas e Outros produtos tiveram suas participações nas exportações semelhantes de 1997 até 2013, quando o grupo de Outros produtos começou a apresentar um

pequeno crescimento, fechando o período com 10,43%, restando à Frutas uma participação diminuta, de 4,16%.

Gráfico 10 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação de laranja e citrus, Brasil, 1997 a 2019.



Fonte: MAPA (2020).

5.10. SUINOCULTURA

Observa-se na Tabela 21 que a exportação de suinocultura cresceu mais de oito vezes, de 1997-2019, a importação também apresentou alto crescimento, de 316,27%. O saldo comercial também teve aumento exponencial, de 1.111,42%, passando de R\$ 485,60 milhões, em 1997, para R\$ 5.882,68, em 2019.

Tabela 21 - Exportação, importação e saldo comercial, em milhões de reais corrigidos, Suinocultura, Brasil, 1997 a 2019.

Ano	Exportação		Importação		Saldo Comercial	
	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.	Valor	Taxa Cresc.
1997	669,71	-	184,10	-	485,60	-
1998	732,23	9,34	184,30	0,11	547,93	12,84
1999	817,60	11,66	219,64	19,17	597,97	9,13
2000	1.055,32	29,08	174,84	-20,40	880,48	47,25
2001	2.563,93	142,95	190,81	9,14	2.373,11	169,52
2002	3.692,22	44,01	197,19	3,34	3.495,03	47,28
2003	4.059,97	9,96	188,21	-4,55	3.871,77	10,78
2004	5.040,32	24,15	249,73	32,69	4.790,59	23,73

2005	5.954,40	18,14	221,64	-11,25	5.732,76	19,67
2006	4.605,52	-22,65	225,57	1,77	4.379,95	-23,60
2007	4.690,71	1,85	286,88	27,18	4.403,83	0,55
2008	5.010,46	6,82	410,81	43,20	4.599,65	4,45
2009	4.319,02	-13,80	403,17	-1,86	3.915,85	-14,87
2010	3.953,89	-8,45	272,60	-32,39	3.681,29	-5,99
2011	3.788,49	-4,18	272,61	0,00	3.515,88	-4,49
2012	4.347,87	14,77	262,95	-3,54	4.084,93	16,18
2013	4.165,44	-4,20	242,58	-7,74	3.922,85	-3,97
2014	4.969,76	19,31	301,09	24,12	4.668,67	19,01
2015	5.117,52	2,97	369,25	22,64	4.748,27	1,71
2016	5.793,28	13,20	354,66	-3,95	5.438,62	14,54
2017	5.700,70	-1,60	422,53	19,14	5.278,16	-2,95
2018	4.810,46	-15,62	679,04	60,71	4.131,43	-21,73
2019	6.649,04	38,22	766,36	12,86	5.882,68	42,39
Período	-	892,83	-	316,27	-	1.111,42

Fonte: MAPA (2020).

Os itens exportados foram classificados em cinco grupos: a) Suínos vivos; b) Carne in natura; c) Carne industrializada; d) Couro e peleteria e; e) Outros Produtos, incluindo produtos como “Cerdas de porco”, “Farinhas de miudezas e “Desperdícios”. A Tabela 22 mostra que o grupo Couro e peleteria apresentaram taxas de crescimento negativas, de -99,31% e -99,30%. Os outros quatro grupos apresentaram altas taxas de crescimento, porém foi Carne in natura que arrecadou os maiores valores monetários.

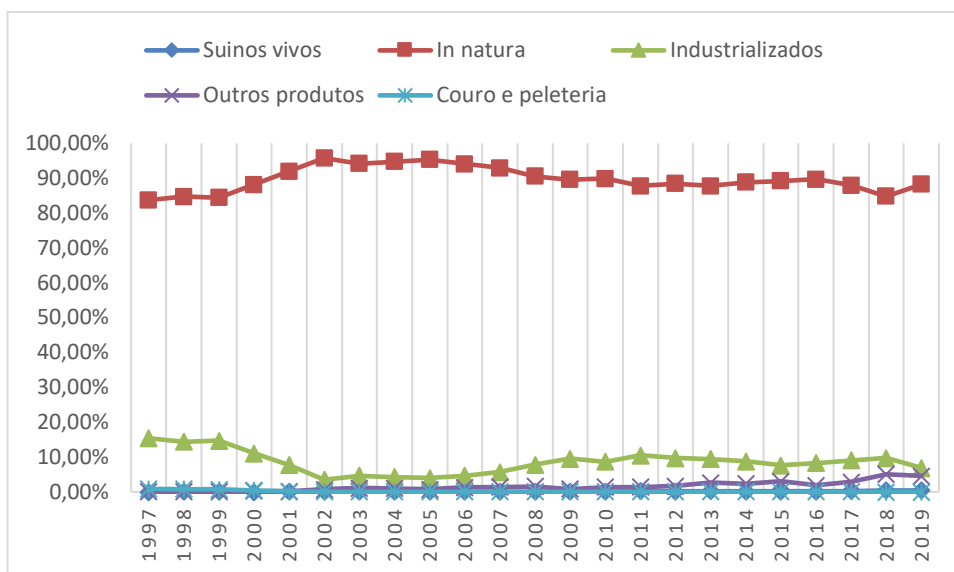
Mesmo com a alta taxa de crescimento das exportações, o grupo de Suínos vivos apresentou pequena participação no comércio exterior, abaixo de 1% em todo o período, assim como Couro e peleteria, conforme Gráfico 11. O grupo Outros produtos apresentaram participação abaixo de 1% até o ano de 2001, apresentando um leve crescimento no ano seguinte, fechando o período analisado com 4,52%. O grupo de carne industrializada iniciou o período com 15,40%, decrescendo esse valor com o passar dos anos, fechando 2019 com 6,84%. O grande destaque das exportações da cadeia de suinocultura se dá ao grupo de Carne in natura, que representou mais de 80% das exportações da suinocultura em todo o período, o iniciando com 83,67% e finalizando com 88,25%.

Tabela 22 – Valor exportado, em milhões de dólares, e quantidade exportada, em milhões de toneladas, dos grupos de produtos de suinocultura, Brasil, 1997 a 2019.

Ano	Suínos vivos		In natura		Industrializados		Couro e Peleteria		Outros produtos	
	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso	Valor	Peso
1997	0,00	0,00	141,63	56,46	26,06	20,18	1,46	0,06	0,12	0,17
1998	0,03	0,01	147,95	73,02	25,16	23,23	1,40	0,05	0,11	0,23
1999	0,08	0,01	114,74	75,41	19,95	20,45	0,99	0,04	0,13	0,41
2000	0,00	0,00	162,49	115,82	20,43	20,01	0,87	0,04	0,51	2,15
2001	0,18	0,03	345,17	246,53	28,88	28,99	0,51	0,03	0,63	2,84
2002	0,19	0,09	468,60	448,40	17,14	31,78	0,14	0,01	3,32	15,01
2003	0,05	0,02	525,66	457,23	26,01	39,49	0,21	0,02	6,24	28,02
2004	0,18	0,04	742,97	470,15	33,23	40,92	0,38	0,03	7,70	32,83
2005	0,14	0,03	1.121,63	578,59	46,41	49,26	0,38	0,06	8,32	31,64
2006	0,14	0,03	988,78	483,63	48,36	47,13	0,20	0,03	13,20	46,21
2007	0,70	0,21	1.160,47	551,51	70,53	57,78	0,31	0,03	16,89	49,32
2008	0,55	0,12	1.357,92	465,06	117,27	64,10	0,27	0,02	24,00	50,22
2009	0,69	0,12	1.109,88	527,86	117,43	81,12	0,16	0,03	10,48	17,56
2010	0,74	0,09	1.225,04	463,26	117,90	80,05	0,06	0,01	19,22	29,06
2011	3,73	0,47	1.283,16	435,21	152,82	84,26	1,16	0,06	20,75	32,50
2012	1,94	0,16	1.345,62	498,42	147,20	82,34	0,43	0,02	25,98	39,99
2013	3,16	0,35	1.226,86	439,65	131,38	77,56	0,35	0,06	36,43	52,50
2014	1,96	0,26	1.444,44	418,00	142,48	75,72	0,13	0,00	38,30	54,37
2015	2,25	0,37	1.167,99	472,58	99,56	73,60	0,25	0,01	39,95	64,04
2016	2,22	0,21	1.349,50	628,65	124,35	95,83	0,07	0,03	28,49	59,12
2017	4,18	0,48	1.465,03	592,61	150,29	94,64	0,15	0,09	46,99	95,06
2018	5,10	0,63	1.070,47	550,37	122,92	88,63	0,03	0,02	63,70	121,47
2019	6,52	0,59	1.487,67	656,99	115,30	91,18	0,01	0,00	76,16	150,35
Var. %	23.228,35	8.750,95	950,42	1.063,70	342,42	351,74	-99,31	-99,30	63.409,39	90.635,25

Fonte: MAPA (2020).

Gráfico 11 – Participação dos grupos de produtos no valor da exportação de suinocultura, Brasil, 1997 a 2019.



Fonte: MAPA (2020).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das dez cadeias analisadas, quatro delas possuem grupos com baixos níveis de processamento apresentando as maiores taxas de crescimento em todo o período analisado, sendo elas: Avicultura, com a maior porcentagem de participação pertencente ao grupo de "Carne in natura"; Café, com a maior porcentagem de participação pertencente ao grupo de "Café não torrado"; Fumo e seus derivados, com a maior porcentagem de participação pertencente ao grupo de "Não manufaturados" e Suinocultura, com a maior porcentagem de participação pertencente ao grupo de "Carne in natura". Algumas cadeias iniciaram o período, ou tiveram algumas passagens de anos com as maiores porcentagens de participação pertencentes a grupos com maiores graus de processamento, sendo elas: A cadeia do Complexo de Soja, que em 1997 seu grupo mais exportado era o "Farelo de Soja", mas esse cenário mudou logo no ano seguinte quando o grupo de "Grãos" o ultrapassou se tornando o grupo mais exportado se mantendo nessa posição até o fim do período analisado, o mesmo ocorreu com as cadeias de "Bovinocultura" e "Milho" com essas cadeias terminando 2019 com os produtos mais exportados sendo "Carnes" e "Grão" respectivamente.

As únicas cadeias que mostraram uma peculiaridade em terem grupos com produtos com maiores graus de processamento como as detentoras de maiores porcentagens de exportação foram as cadeias: Laranja e Citrus, com o grupo "Suco de laranja" sendo o mais exportado e a cadeia do Complexo Sucroalcooleiro, com o grupo "Açúcar" sendo o mais exportado.

Esses resultados da balança comercial do agronegócio brasileiro, assim como composição das exportações agrícolas das dez principais cadeias, evidenciam-se que o Brasil possui como principal característica a exportação de produtos com baixos graus de processamentos, mesmo com alguns grupos de produtos processados vindo a apresentar altas

taxas de crescimentos nos últimos anos, como por exemplo o grupo "Carne Industrializada" da cadeia de Avicultura, que apresentou taxas de crescimento de 3.480,30% e 4.748,76% em termos monetários e de volume exportado respectivamente, sua porcentagem de participação continua ainda muito inferior a porcentagem de participação do grupo com menor grau de processamento.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHA, C. J. C. Economia e Política Agrícola no Brasil - São Paulo: Atlas, 2004. VIEIRA, W. C. (Ed.). **Agricultura na virada do milênio: velhos e novos desafios**. Viçosa, pág. 93-116, 2000.

Barbosa, Alexandre de Freitas. China e América Latina na Nova Divisão Internacional do Trabalho. In: Leão, Rodrigo Pimentel Ferreira; Pinto, Eduardo Costa; Accioly, Luciana. (Org.). **A China na Nova Configuração Global: Impactos Econômicos e Políticos**. 1ed. Brasília: IPEA, v. 1: 269-306, 2011.

BRASIL/MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). Serviço Nacional de Proteção de Cultivares. Disponível em extranet.agricultura.gov.br/php/proton/cultivarweb/index.php. Acesso em agosto de 2021.

Bresser-Pereira, Luiz Carlos. Taxa de câmbio, doença holandesa, e industrialização (FGV Projetos). Cadernos FGV Projetos, v. 5: 68-73. **A reprimarização das exportações brasileiras em perspectiva histórica de longa duração Rev. Carta Inter.**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, 2020, p. 174-203 2010^a.

Bresser-Pereira, Luiz Carlos. Doença holandesa e sua neutralização: uma abordagem ricardiana. In: Luiz Carlos Bresser-Pereira. (Org.). **Doença holandesa e indústria**. 1ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, v. 1: 117-154, 2010b.

Cano, Wilson. A desindustrialização no Brasil. **Texto para Discussão IE/Unicamp**, n°. 200, 2012.

CANUTO, A., “Agronegócio: a modernização conservadora que gera exclusão pela produtividade”. **Revista Nera**, 7 (5): 1-12, 2004.

CNA. Indicadores Pecuários, jan./fev. 2017. Disponível em: www.cna.gov.br. Acesso em: 30 jun.2021.

Cunha, André Moreira; Lelis, Marcos Tadeu Caputi; Fligenspan, Flavio Benevett. Desindustrialização e comércio exterior: evidências recentes para o Brasil. **Rev. Econ. Polit.**, São Paulo, v. 33, n. 3: 463-485, Sept., 2013.

Delgado, Guilherme Costa. Especialização primária como limite ao desenvolvimento. Desenvolvimento em debate, v. 1, n. 2: 111-125, 2010.

Delgado, Guilherme Costa. Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio: mudanças cíclicas em meio século (1965-2012). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

Delgado, Guilherme Costa. Economia do agronegócio (anos 2000) como pacto do poder com os donos da terra. Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA), edição especial: 61-68, 2013.

HELFAND, S. M. & REZENDE G. C. de. A agricultura brasileira nos anos 90: o impacto das

reformas de políticas. In: GASQUES, J. G. & CONCEIÇÃO, J. C. P. R. da. **Transformações da agricultura e políticas públicas**. Brasília: IPEA, P 247-302, 2001.

Hopewell, Kristen. The accidental agro-power: constructing comparative advantage in Brazil. **New Political Economy**, v. 21, n. 6: 536-554, 2016.

Medina, Gabriel; Ribeiro, Gessyane Guimarães; Brasil, Edward Madureira. Participação do capital brasileiro na cadeia produtiva da soja: lições para o futuro do agronegócio nacional. **Revista de Economia e Agronegócio. Revista de Economia e Agronegócio**, v. 13: 2-38, 2016.

MENDONÇA, S. R, “Esta.do e hegemonia do agronegócio no Brasil”. **Histórias e Perspectivas**, 32/33: 91-132; 2005.

MENEZES, A. H. & PINHEIRO, J. C., “O potencial do agronegócio para alavancar a economia brasileira”. *Revista de Política Agrícola*, 14 (3): 55-65, 2005.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Plano Agrícola e Pecuário 2011- 2012 / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. Secretaria de Política Agrícola. – Brasília: Mapa/SPA, pág. 92. ISSN 1982-4033, 2011.

Nakahodo, Sidney N; Jank, Marcos S. A falácia da doença holandesa. Documento de Pesquisa. São Paulo: Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais. **A reprimarização das exportações brasileiras em perspectiva histórica de longa duração**. Mimeo, 2006.

NETO, C. R. e NASCENTE, A. S. O agronegócio da fruticultura na Amazônia: um estudo exploratório. **Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária** (EMBRAPA. ISSN 0103-9865), Porto Velho, RO; 2005.

OLIVEIRA, R. O e SPERSE. E. Utilização de Estratégias de Branding em Commodities Agropecuárias: Uma Revisão da Literatura e Proposições de Pesquisa. **VII Congresso de Administração da ESPM** - São Paulo, 13 e 14 de outubro de 2010.

PADILHA JÚNIOR, J. B. O Impacto da Reserva Legal Florestal sobre a Agropecuária Paranaense, em um Ambiente de Risco. 2004. 181 p. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

Sampaio, Daniel Pereira. A desindustrialização em marcha no Brasil. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, v. 34: 33-55, 2013.

SERRA, J. Ciclos e mudanças estruturais na economia brasileira do pós-guerra. In: BELLUZZO, L. G. M. & COUTINHO, R. (Orgs.). **Desenvolvimento capitalista no Brasil** – ensaios sobre a crise. 3ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, P 56-121. (Volume 1), 1982.

Wallerstein, Immanuel. O declínio do poder americano: os Estados Unidos em um mundo caótico. Contraponto, 2004.

WELCH, C., “Estratégias de resistência do movimento camponês brasileiro em frente das novas táticas de controle do agronegócio transnacional”. *Revista Nera*, 8 (6): 36-45, 2005.